

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA**

INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

**A GÊNESE DO CULTO CRISTÃO**

Aspectos sociais, religiosos e culturais que influenciaram e contribuíram na formação do culto cristão

ILDEMIRO SILVA DE OLIVEIRA

MESTRADO EM TEOLOGIA

Área de Concentração: Liturgia

São Leopoldo, junho de 2006

# **A GÊNESE DO CULTO CRISTÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Por

Ildemiro Silva de Oliveira

em cumprimento às exigências  
do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia,  
para a obtenção do título de mestre em Teologia

Escola Superior de Teologia  
São Leopoldo, RS, Brasil  
Junho de 2006

OLIVEIRA, Ildemiro Silva de. *A Gênese do Culto Cristão: aspectos sociais, religiosos e culturais que influenciaram e contribuíram na formação do culto cristão*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2006.

## **SINOPSE**

Breve descrição analítica referente às tradições religiosas judaicas, a economia e a cultura popular greco-romana que precederam o nascimento do culto cristão e se proliferaram nas regiões por onde o cristianismo se difundiu inicialmente durante os três primeiros séculos da era cristã. Inicialmente são destacados os meios de economia vigentes praticados pelo império romano e sua relação com as questões sociais que, por sua vez, repercutiram dentro da proposta sócio-comunitária anunciada por Cristo. A luta pela sobrevivência e pela justiça entre os mais carentes é evidenciada pela forma como são gerenciados os recursos agropecuários, e como estes adentram na composição do culto cristão através de seus principais símbolos e ideais. O pão, o vinho e a ovelha são ícones que refletem esta influência. Numa segunda etapa, vêem-se as contribuições sócio-religiosas do judaísmo que, inevitavelmente, serviram de suporte para a elaboração das duas principais formas litúrgicas presentes no culto cristão: a liturgia eucarística e a liturgia da palavra. É notório também que o culto se formou a partir de influências de ordens comportamentais e de diferentes vertentes característicos dos seus primeiros líderes. O convívio e as experiências religiosas próprias do judaísmo e das demais religiões do mundo greco-romano, que os primeiros cristãos tiveram antes de se iniciarem no cristianismo, mostram que, de algum modo, repercutiram para a formação da nova experiência em cultuar a Deus. Por último, são descritos vários componentes litúrgicos que complementaram e deram mais vida aos ritos litúrgicos. São formas de expressões corporais, lidas, cantadas e gesticuladas que ornamentaram o culto e assumiram uma forma própria de ser.

OLIVEIRA, Ildemiro Silva de. *Genesis of Christian Cult: social, religious and cultural aspects which influenced and contributed to Christian cult formation*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2006.

## **ABSTRACT**

Brief analytical description concerned to Jewish religious traditions, to Greek-Roman economy and popular culture which preceded the Christian culture cult birth and also grew throughout those areas where Christianity spread for the first three centuries of the Christian era. Firstly, the economy style held by the Roman Empire is focused, and also its link to social matters which reflected social-community proposal announced by Christ. The Poor's struggle for survival and justice is showed, not only through the ways agricultural and farming resources were managed, but also how these ones joined the Christian cult throughout its main symbols and ideals. Bread, wine and sheep are icons which reflect that influence. Next, Jewish social and religious contributions are described. They supported creation of its main liturgy forms in the Christian cult: both Eucharistic and speech liturgies. It is worth to say that the cult was formed from behaviour aspect influences and also from different lines, typical from its leaders. Jewish and its own life style plus religious experiences-besides the Greek-Roman religious world which came before Christianity-show us that, in some way, they helped with the new experience in worshipping God. Finally, several liturgy components that were added and made liturgy rites more lively are worked on. Expressions such as body language and gestures, reading, songs which made cult richer and ended up having their own way of belonging to it.

À Jamille, Pablo e Luana, meus filhos e um dos meus maiores estímulos na conquista deste mais novo e importante passo.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus professores e colegas da Faculdade Batista Brasileira que muito me apoiaram para que eu pudesse empreender mais esse sonho, *mui* especialmente a coordenadora do curso de teologia prof<sup>a</sup> Ana Suziene e o diretor acadêmico, prof. Valmir Martins que apostaram e confiaram no meu trabalho.

Ao corpo docente do Mestrado Profissionalizante em Liturgia pela atenção e honrosa acolhida durante os módulos do curso.

Ao coordenador e professor do mestrado, Dr. Nelson Kirst pelo brilhante conteúdo litúrgico apresentado, e pela maestria com que administrava as aulas, bem como, pela sua sempre disposição em estar presente, inclusive, nas horas mais difíceis.

À prof<sup>a</sup> Sissi Georg que com seu perfil diaconal, sempre se mostrou pronta a ajudar, inclusive, ornamentando e dando mais brilho às aulas com sua pré-disposição em contribuir.

Ao prof. e Dr. Julio Adam, pelo incentivo e pela sempre boa atenção ao lecionar e prestar orientação monográfica.

Aos meus colegas de classe, *mui* especialmente ao prof. Alberto Matos, sempre presente nas horas de alegria e de dor.

Aos meus familiares, em especial, minha irmã Cleuza que, como uma mãe, sempre se fez presente, compreendendo e apoiando os meus esforços.

“Uma coisa pedi ao Senhor e a buscarei: que possa morar na Casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a formosura do Senhor e aprender no seu templo”.

Sl. 27. 4.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	09
<b>1. Contribuições Sócio-Culturais do Povo Judeu e do Mundo Antigo</b>	
1.1. A Agropecuária como símbolo e premissa de responsabilidade sócio-cultural no culto .....	12
1.2. O cultivo de cereais e a vinicultura como recursos alegóricos do corpo e do sangue de Cristo .....	15
1.2.1. O pão.....	15
1.2.2. O vinho.....	17
1.3. A atividade pastoril e sua repercussão salvífica-pastoral .....	19
<b>2. Contribuições Sócio-Religiosas do Judaísmo</b>	
2.1. As refeições e as festas como prenúncio da Liturgia da Eucaristia .....	22
2.1.1. Os ágapes .....	24
2.1.2. A <i>Kiddushe</i> .....	26
2.1.3. A <i>Habûrah</i> .....	27
2.1.4. A <i>Pesach</i> .....	28
2.2. Os espaços litúrgicos e sua influência na formação da Liturgia da Palavra .....	30
2.2.1. O Templo .....	30
2.2.2. As Sinagogas .....	32
<b>3. Elementos de Influência Comportamental na Formação e Condução do Culto</b> .....	36
3.1. A conduta extática/carismática ligada a Paulo .....	37
3.2. A visão e a expectativa apocalíptica ligada a João .....	39
3.3. A postura formal/judaizante ligada a Tiago e a Pedro .....	40
3.4. As contribuições externas herdadas da cultura religiosa greco-romana .....	42
<b>4. Componentes Emergentes do culto Cristão e suas Características</b>	
4.1. Salmos, hinos e cânticos espirituais .....	46
4.2. As orações .....	47
4.3. A adoração .....	49
4.4. As ofertas e as ações de graça .....	50
<b>Conclusão</b> .....	52
<b>Bibliografia</b> .....	56-58



## **Introdução**

Pensar no Culto Cristão como que sendo algo genuinamente sacro, significaria ter que ignorar todo o contexto histórico da Igreja Primitiva, a começar pela participação dos primeiros responsáveis em sua formação, como veremos, Jesus, os apóstolos e as lideranças comunitárias.

O culto cristão e sua liturgia têm uma história cuja premissa remonta boa parte do contexto sócio-cultural-religioso próprio dos povos antigos, a exemplo dos egípcios, dos gregos, dos romanos e, em particular, dos judeus. A Palestina e as regiões circunvizinhas a ela, revelam-se como sendo o maior palco territorial que os povos ali presentes ajudaram no prenúncio do surgimento do culto cristão. A pesquisa da origem do culto, inevitavelmente, não escapa a análise da inserção das contribuições e das influências que estes povos legaram ao cristianismo.

Pensar em culto sem mencionar a influência e o papel que os efeitos seculares tiveram e têm em sua liturgia, descaracteriza uma de suas principais funções: a questão sócio-cultural. O primeiro capítulo desta pesquisa busca descrever o quanto os recursos naturais, mais precisamente agropecuários, foram responsáveis pelo desenvolvimento do culto. Querer desassociar o culto deste papel, que até hoje faz parte da rotina de muitas comunidades, é querer isolá-lo, sintetizando-o apenas em seu aspecto espiritual. Jesus, conforme os evangelistas descreveram, não se isolou da convivência com o povo, principalmente, entre os mais pobres e discriminados. Desta forma, de perto, Ele conheceu e percebeu o quanto os principais elementos responsáveis pela subsistência humana de sua época, poderiam responder e representar as lições e os valores sociais para, em seguida, relê-los e reinterpretá-los dentro do contexto espiritual. Logo, o culto cristão, parte do princípio de que os traços sócio-culturais de um povo estão atrelados também às necessidades espirituais.

Falar de Cristo sem levar em conta a importância que a vida em comunidade tem no desenrolar do culto, deixaria de remontar seus primórdios, bem como, tudo quanto Jesus idealizou para celebrar a memória do seu sacrifício e as grandezas de Deus. O pão, o vinho e a ovelha, elementos tão comuns de sua época, além de seus valores espirituais, são símbolos

que querem a todo o tempo despertar a Igreja do seu compromisso social e de sua interatividade cultural.

O culto cristão herdou sua maior contribuição do judaísmo com toda sua tradição cultural. As maiores e principais liturgias presentes no culto cristão, Eucaristia e liturgia da Palavra, foram grandemente influenciadas pelas refeições e festas judaicas, e por seus espaços litúrgicos, respectivamente. Não restam dúvidas que grande parte do acervo cultural da Igreja primitiva se deve a herança deixada pelo judaísmo de onde também surgiram os primeiros cristãos. Não se pode negar que grande parte da teologia e da liturgia que influenciaram e moldaram o culto cristão tenha do judaísmo tamanha influência. Não por menos, tais contribuições, até hoje, se mostram contextuais em vários seguimentos e comunidades cristãs, principalmente, aquelas que buscam fundamentação histórica para seus ritos. Talvez fosse mais difícil admitir tal influência se esquecêssemos que Jesus, juntamente com seus discípulos, todos judeus, foram iniciados na fé judaica. No capítulo dois tenta-se responder de forma histórica e teológica o quanto essas contribuições marcaram o início do culto cristão.

Apesar de sua forte influência, o culto judaico praticado dentro do Templo e nas sinagogas, não conseguiu padronizar de todo o culto cristão. Ainda bem no início, ele se mostrou também muito dinâmico e diversificado em seu aspecto comportamental. Várias foram as vertentes que contribuíram para o desenrolar distinto do culto ainda em seu estado inicial. O capítulo três tenta desmistificar, a partir de seus principais líderes, bem como, em função do choque cultural resultante da fusão entre judeus e gentios, a correlação e a influência comportamental na formação e condução do culto.

Até que o culto cristão, por fim, fosse aos poucos ganhando forma com a adesão e o desenvolvimento de vários estilos litúrgicos, principalmente de ação e comportamento, ele atravessou vários momentos, incorporando e reinterpretando esses adendos à proposta do evangelho o qual prima pela justiça e pelo cultivo das relações humanas de comunhão, amor e fraternidade<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> “(...) a proposta do Evangelho de Jesus Cristo é a do cultivo das relações. Pelo Evangelho, elas sobem do nível de relações humanas para o de relações fraternas, entre irmãos”. PEREIRA, Augusto César Pereira. *Pastoral Planejada*. Ir ao Povo. Disponível em: <[http://www.iraopovo.com.br/site/index.php?id\\_coluna=4](http://www.iraopovo.com.br/site/index.php?id_coluna=4)>. Acesso em: 01 de out. 2006.

O culto cristão trouxe novos conceitos e padrões, atitudes e interpretações do que as Escrituras estabeleceu como sendo a vontade de Deus para o exercício do culto na perspectiva da Nova Aliança. Os ritos e os componentes litúrgicos que complementam o culto, ainda que tenham sido praticados em outros contextos religiosos, passam a assumir um novo formato; uma nova forma de cultuar a Deus. São desses componentes rituais reinterpretados no seio da Igreja, que se preocupa o último e quarto capítulo desta pesquisa.

# 1. As Contribuições Sócio-Culturais dos Povos da Palestina e Seus Arredores

## 1.1. A Agropecuária como símbolo e premissa de responsabilidade sócio-cultural no culto

Em uma época em que a subsistência humana dependia em grande parte do uso de diversos tipos de plantações, em especial, do cultivo de cereais e da ovinocultura; a agricultura e a pecuária despontaram entre os povos palestinos e seus circunvizinhos, mesmo antes do aparecimento do messias, como elemento de fundamental repercussão para o comércio, para a manutenção da vida e para a ilustração de um dos maiores compromissos do cristianismo, quer seja de forma simbólica, quer em seu aspecto social<sup>2</sup>. E, falar de culto tendo que ignorar o fator sócio-econômico, deixa muito a desejar, tendo em vista que a instituição do culto se deu por ocasião de uma refeição, na qual estavam presentes o pão e o vinho (Mt 26. 26-28), mostras não simplesmente do corpo e do sangue de Cristo, mas também, como expressão de uma das maiores causas de inquietação da humanidade: a fome<sup>3</sup>.

A situação sócio-econômica nas províncias do Império Romano, durante os primeiros séculos da era cristã, trouxe, politicamente, um grande desajuste social<sup>4</sup>. Os que mais trabalhavam eram os menos assistidos, tanto escravos, como judeus e camponeses que pertenciam as camadas mais pobres da sociedade, em benefício das classes dominantes do Império Romano<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> “A sociedade hebraica na antiguidade apresentava-se preponderantemente pastoril e agrária. Durante o reinado de Salomão, terceiro rei, graças a sua privilegiada localização geográfica, a Palestina, situada na confluência de importantes rotas terrestres, ligando o Egito, Fenícia e Mesopotâmia, assistiu a um maior desenvolvimento do comércio animal e vegetal, já iniciado na época de Saul e de David”. Florival CÁCERES. *História Geral*, p. 45, 48.

<sup>3</sup> “(...) as parábolas que Jesus conta não tomam por base a atividade da carpintaria ou da marcenaria, mas sim atividades como a lavra, a sementeira e a ceifa, a economia pecuária, o pastoreio e a preparação do pão. Por muito que a espiritualidade pudesse satisfazer alguns indivíduos, a verdade é que o “pão celestial” não era suficiente. As massas precisavam também do pão terreno. E, portanto, as atenções estavam viradas para todos os profetas que aparecessem, sempre com questões muito práticas. Não espanta, pois, que Cristo, logo que aparece em cena no seu papel de profeta, tenha que se defrontar com o problema do pão”. Heinrich Eduard JACOB. *Seis Mil Anos de Pão*, p.149, 151.

<sup>4</sup> “A fome começou a deambular pelas províncias do Império, a fome natural, mas ao lado dela também a fome artificialmente criada como medida administrativa tipicamente romana. (...) Roma era inimiga dos camponeses”. *Ibidem*, p. 150, 151.

<sup>5</sup> “Com a ocupação da Palestina, em 63 a.C., os romanos impuseram um pesado tributo aos judeus, de tal modo que os agricultores tinham que entregar, junto com as outras taxas e impostos, quase a metade de sua produção. (...) Neste processo, quem mais sofre são os pobres atingidos diretamente por essa política fiscal, pois a taxa recaía, direta e indiretamente, sobre os que trabalhavam a terra, camponeses ou agregados”. Benedito FERRARO. *Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios*, p. 29.

Para os judeus, somava-se a tudo isso a obrigatoriedade de pagar os dízimos e dedicar suas ofertas ao templo, o que acarretava um acúmulo de aproximadamente 60% de sua produção<sup>6</sup>.

A agricultura nesta época mostrou ter sido o fator preponderante para a economia nas regiões da Palestina. “Calcula-se que a terra de Israel, no tempo de Herodes, o Grande, tenha ocupado uma área de aproximadamente 1 milhão de hectares, dos quais dois terços teriam sido aproveitáveis para a agricultura. Desse modo, existiria, pois, uma área cultivável de 700.000ha”<sup>7</sup>. A influência que esse percentual gerava em diversos segmentos e na cultura desse povo antigo, era facilmente percebida em suas mais diversas formas. Entre os judeus, a celebração pelas colheitas se desenvolveu desde muito cedo em sua história. Eram verdadeiras festas e estavam quase sempre fixadas no calendário lunático e nas estações climáticas do ano<sup>8</sup>. As principais festas judaicas como a páscoa, o pentecostes e os tabernáculos, são mostras da interferência e da importância da agricultura no âmbito religioso, bem como, do reconhecimento da providência divina, e o cristianismo, a partir de sua vocação social, não ficou isento deste aspecto cultural<sup>9</sup>.

A agricultura como um dos maiores meios de subsistência, desde muito cedo, já despertava em vários povos antigos uma atitude que os levavam a celebração da vida e de sua manutenção<sup>10</sup>. Pesquisadores concordam que várias festas agrícolas desenvolvidos por Israel, foram inicialmente influenciadas pelos ritos e calendários agrícolas dos povos da Mesopotâmia e dos de Canaã, sendo em seguida historicizadas, ou seja, deixaram de ser centralizadas nas mitologias e nos eventos comuns da natureza, para serem contextualizadas

---

<sup>6</sup> Benedito FERRARO. *Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios*, p. 33.

<sup>7</sup> Ekkehard W. STEGEMANN, Wolfgang STEGEMANN. *História social do protocristianismo*, p. 58.

<sup>8</sup> “Embora Israel tenha eliminado do seu calendário religioso toda referência aos mitos politeístas, não rejeitou, todavia a sacralidade natural dos ciclos cósmicos. Israel conservou a celebração da lua nova e a festa nômade da mudança das pastagens da primavera. Respeitou os ritos agrícolas do calendário cananeu: festa dos ázimos na primavera, no início da colheita da cevada; oferta das primícias dos frutos e do primeiro feixe; festa da colheita, chamada mais tarde das semanas, e da colheita no outono, com seus festejos de final de estação, chamada depois festa das cabanas”. Matias AUGÉ et al. *O Ano Litúrgico: História, teologia e celebração*, p. 22.

<sup>9</sup> “Quando Israel oferecia ao Senhor parte da própria colheita, por ocasião das três estações do ano, reforçava a estrutura de convicção e escolha; confessava que o “pão” e o “vinho” da terra prometida não eram prometidas ao seu próprio esforço, nem a particulares técnicas mágicas que eles tinham, mas a benevolência criadora de Deus; e renovava o seu empenho de dividi-lo em espírito fraterno. Deus destinou os frutos da terra para a alegria de todos; por isso, se não somente os ricos, mas também os pobres gozam deles, isto quer dizer que o seu reino está se realizando, que sua vontade vai-se concretizando. Compartilhar os bens da terra não é apenas um imperativo social, mas é a própria alma do indicativo teológico”. Carmine DI SANTE. *Israel em Oração: As origens da liturgia Cristã*, p. 215.

<sup>10</sup> “A religião agrária permaneceu viva durante muito tempo, até que alguns de seus elementos passaram para o cristianismo rural e alimentaram o folclore. Tratava-se de cultivar as forças misteriosas que asseguravam a fecundidade dos solos e dos rebanhos”. Jean COMBY e Jean-Pierre LÉMONON, p. 8.

aos seus fatos históricos particulares os quais marcaram sua trajetória, dando a todas elas originalidade e espiritualidade<sup>11</sup>.

A alimentação do povo de Israel tinha como ingredientes principais aquilo que era comum em sua cultura. A subsistência deste povo era preponderantemente de origem agrícola, somada a outros meios de subsistência<sup>12</sup>. O pão, o vinho e o cordeiro assado eram os alimentos mais comuns em suas mesas e em suas festas, em especial, a páscoa. Esses elementos traziam em sua história, um contexto e uma razão de ser e de estar presentes na mesa e nas festas dos judeus, assim como, posteriormente, na memória dos cristãos em seu culto<sup>13</sup>.

Símbolos de uma nova ordem, Deus se utilizou desses elementos, próprios da cultura alimentar de vários povos antigos, principalmente do povo judaico, no propósito de ilustrar uma relação que contemplasse a humanidade como um todo e em toda a sua história<sup>14</sup>.

O culto cristão, por sua vez, agrega essas características sócio-culturais de subsistência humana, adaptando-as à sua prática comunitária, ao seu discurso salvífico, e a sua conduta de reconhecimento e adoração a Deus. Como revela o escritor aos hebreus, a antiga aliança se revelou como o prenúncio de um bem maior, foi a “sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas” (Hb 10.1).

---

<sup>11</sup> “Israel tomou do ambiente semítico circunstante as três festas agrícolas (...). Mas, como é óbvio, não se limita a reproduzi-las passivamente, mas as criou de novo com originalidade, enriquecendo-as com sua espiritualidade específica”. Carmine DI SANTE. *Israel em Oração: As origens da liturgia Cristã*, p.216. Ver também Matias AUGÉ et al. *O Ano Litúrgico: História, teologia e celebração*, p. 22, 23.

<sup>12</sup> “A terra de Israel era explorada intensivamente através da agricultura. Acrescentam-se a extração de asfalto e a pecuária, esta mais precisamente na Judéia, visando sobretudo ao serviço do templo”. Ekkehard W. STEGEMANN, Wolfgang STEGEMANN. *História social do protocristianismo*, p. 128.

<sup>13</sup> (...) é dentro do contexto pascal que Jesus instituiu a Eucaristia. (...) a grande importância que a páscoa teve na comunidade cristã é a sua utilização metafórica. A páscoa judaica é o *topos* mais importante para compreender a experiência cristã. Ela é o contexto e o texto das origens cristãs”. Carmine DI SANTE. Op. cit, p. 216. Ver também Matias AUGÉ et al. Op cit, p. 24, 25.

<sup>14</sup> “(...) as festas do AT, além de tornar eficaz no presente a realidade salvífica de Deus na história – que culminam no evento pascal do Êxodo – fazem referência àquilo que devia suceder no futuro”. Matias AUGÉ et al. *O Ano Litúrgico: História, teologia e celebração*, p. 24.

## 1.2. O cultivo de cereais e a vinicultura como recurso alegórico do corpo e do sangue de Cristo

### 1.2.1. O pão

A agricultura, com grande ênfase no plantio de trigo, dava à mesa um cardápio comum e genérico nas refeições; o pão. Não era só a partir daquele tempo que os judeus começaram a cultivar o trigo. Sua história, assim como de tantos outros povos antigos, tinha como subsistência básica, o plantio deste cereal<sup>15</sup>. Na verdade, o cultivo dos frutos da terra como meio de subsistência humana, é subjacente a cultura judaica e remonta a prática de um dos nossos primeiros descendentes na tentativa de promover uma “ação de graças” ao Senhor; Caim (Gn 4.3)<sup>16</sup>. O decorrer da narrativa bíblica sobre a história judaica demonstra outros momentos em que se percebe o quanto era comum o plantio de cereais, em especial o trigo e a cevada<sup>17</sup>. A experiência de José como governador do Egito, demonstra mais uma vez como essa cultura se desenvolveu e se apegou a tradição dos povos antigos. Jacó seu pai, em meio a escassez de alimento em sua terra, mandou que dez de seus filhos fossem até o Egito para comprarem cereais (Gn 42 1-3)<sup>18</sup>. O próprio Jesus, para ilustrar algumas de suas parábolas ou de alguns de seus ensinamentos, utilizava como elemento básico, a figura do trigo<sup>19</sup>. Jesus ao instituir a Ceia, retificava o que já havia dito antes: “Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome (...)” (Jo 6.35).

Do ponto de vista material, o homem vive e trabalha na dependência do alimento<sup>20</sup>. O pão, como símbolo maior de toda história para a provisão alimentar da humanidade, é o meio

---

<sup>15</sup> “O trigo tornou-se o rei dos cereais usados para fazer pão, e ainda hoje assim continua a ser”. Heinrich Eduard JACOB. *Seis Mil Anos de Pão*, p. 47.

<sup>16</sup> “A agricultura e a pecuária tem raízes no período da criação do homem, quando Caim e Abel, filhos do primeiro casal fora, agricultor e pastor, respectivamente”. Florival CÁCERES. *História Geral*, p.49.

<sup>17</sup> “A cevada nunca dominou sozinha a cultura dos cereais dos vales dos rios. O trigo invadiu a paisagem, a princípio apenas nas melhores localizações, mas depois por toda a parte. Na bíblia há várias passagens em que a cevada é considerada coisa de segunda ordem, contudo, era a cevada que constituía o símbolo da força de Israel. Em nenhum outro lado a cevada surge revestida de uma dignidade tão grande como no livro de Juizes”. Heinrich Eduard JACOB. *Op cit.*, p. 47.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 46, 47.

<sup>19</sup> Assim Ele fez com as parábolas do semeador e do joio (Mt 13.1-30, 36-43), bem como, em conversa com André e Filipe (Jo 12.24).

<sup>20</sup> “A história do homem sobre a terra confunde-se com a história do pão. A sobrevivência do indivíduo foi, sem dúvida, a mais angustiante luta que o homem travou contra a natureza, os animais da selva e, também, contra seus próprios irmãos”. Antônio Batista VIEIRA. *Pai-Nosso: A oração do Pai, do pão e do perdão*, p.67.

pelo qual Jesus se auto-identifica e, ao mesmo tempo, ensina a todos como deva pedir ao Pai em oração: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6.11)<sup>21</sup>. Em uma dimensão espiritual, não estamos muito longe em pensarmos que o pão o qual Jesus se referia seria seu próprio corpo o qual devíamos pedir ao Pai que não nos deixasse faltar nem mesmo por um só dia (Mt 6. 11)<sup>22</sup>. À multidão que o seguia, Ele disse: “Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna (...)”. Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo” (Jo 6. 27,33).

Por todas essas coerências, era muito natural que Jesus se utilizasse do pão e do vinho para utilizarem na refeição com os discípulos com os quais instituiu a Santa Ceia. White retrata muito bem esta congruência quando diz que “Cristo não escolheu néctar e ambrósia, o alimento dos deuses, mas pão e vinho, o alimento dos humanos. O ato de parti-lo pode ser uma das parte mais significativas do culto, se for feito com cuidado”<sup>23</sup>.

Jesus ao escolher pão como um dos elementos para cear com seus discípulos e instituir a Santa Ceia, tentava associar o alimento básico e mais conhecido do seu contexto, como figura do seu próprio corpo<sup>24</sup>. O gesto de Jesus em fracionar o pão e dividi-lo entre seus discípulos, refletia a imagem comum do que se faz em qualquer refeição antes de comê-la. Da mesma forma Ele acenava o que estava para acontecer com seu corpo e de como deveria ser repartido para alimento espiritual da sua Igreja que estava por nascer. A partilha do pão buscava retratar uma grande preocupação do Senhor para com um dos papéis da sua Igreja. Além de representar o seu próprio corpo, era a forma pela qual Ele também queria esclarecer para sua Igreja que o Reino de Deus é justiça que alimenta não só a alma, mas o corpo dos mais necessitados. O Culto além de rememorar a morte do Senhor, traduzia o sentimento fraternal e incorporava o compromisso social para com os mais carentes da comunidade através da doação de alimentos<sup>25</sup>.

---

<sup>21</sup> “Pão exprime mais do que o conglomerado físico-químico. Ele é símbolo do alimento humano, do alimento necessário e suficiente, como se diz nas Escrituras, ou do alimento simplesmente. O pão é pão da vida (Jo 6.35)”. Leonardo BOFF. *O Pai-Nosso: A oração da libertação integral*, p. 92.

<sup>22</sup> “Com razão, alguns Pais da Igreja gostavam de ver no “pão cotidiano” do Pai-nosso uma alusão a Eucaristia”. Carmine Di SANTE. *Israel em Oração*, p. 33.

<sup>23</sup> James F. WHITE. *Introdução ao Culto Cristão*, p. 202.

<sup>24</sup> “E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim” (Lc 22. 19).

<sup>25</sup> “(...) para as Escrituras o pão constitui o símbolo histórico do Reino de Deus representado como uma grande ceia; é o sinal temporal do alimento eterno que garantirá a eternidade da vida; o pão carrega a promessa da plenitude da vida, mais ainda, ele é a presencialização já agora, no meio do caminhar dos famintos e dos peregrinos, daquele pão que sacia completamente a fome salvífica do homem, vale dizer, de Jesus e de seu Reino”. Leonardo BOFF. *O Pai-Nosso: A oração da libertação integral*, p. 92.



### 1.2.2. O vinho

A fabricação do vinho na cultura judaica e secular a acompanha desde seus primeiros ancestrais<sup>26</sup>. Somente na *habûrot* (ceia comunitária judaica) o vinho era servido por três vezes durante a refeição<sup>27</sup>. Segundo Drubbel, “o vinho tornou-se uma bebida popular, tanto na Palestina como nos países circunvizinhos; a viticultura era muito espalhada”<sup>28</sup>. Talvez por isso, não seja tão difícil entender a liberdade e uma das razões pela qual Jesus numa festa de casamento, ao operar seu primeiro milagre, transformou água em vinho (Jo 2.1-11). Por certo que a boa qualidade do vinho de Jesus dificilmente haveria de trazer embriaguez<sup>29</sup>. Ele ao fazer da água vinho, certamente já anunciava também o milagre da transformação que havia de fazer na vida daqueles que bebessem da água que Ele dá: “aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (Jo 4.14).

Por todo seu ministério Jesus várias vezes se utilizou da figura da vinha para transmitir a mensagem do Reino de Deus<sup>30</sup>. Era natural que se utilizando da figura de uma bebida tão típica e comum do seu tempo, buscasse ilustrar, amadurecendo em seus ouvintes, a idéia e o paralelo entre o vinho e o sangue da Nova Aliança que seria derramado em favor de muitos<sup>31</sup>.

---

<sup>26</sup> “Na tradição bíblica e na cultura grega, o vinho ocupa lugar importante, porque é o símbolo da gratuidade e fonte de alegria. Diversamente do pão, que é necessário para a sobrevivência, o vinho é usado para se alcançar a alegria e a liberdade de espírito. Como diz o salmista, ele “alegra o coração do homem” (Sl 104.15) e evoca a dimensão humana na qual se é “mais” do que as próprias necessidades físicas: a dimensão da finalidade, da plenitude e do sentido”. Carmine DI SANTE. *Israel em Oração: As origens da liturgia Cristã*, p. 173.

<sup>27</sup> Romeu R. MARTINE. *Eucaristia e Conflitos Comunitário*, p. 37.

<sup>28</sup> A. DRUBBEL. Vinho, in: <sup>a</sup> van den BORN (red), *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, p. 1563.

<sup>29</sup> “O objetivo primordial desse milagre foi manifestar a sua glória, de modo a despertar fé pessoal e a confiança em Jesus como filho de Deus, santo justo, que veio salvar o seu povo do pecado. Sugerir que Cristo manifestou a sua divindade como Filho Unigênito do Pai, mediante a criação milagrosa de inúmeros litros de vinho embriagante para uma festa de bebedeiras, e que tal milagre era extremamente importante para a sua missão messiânica, requer um grau de desrespeito, e poucos se atreveriam a tanto. Será, porém, um testemunho de honra de Deus, e da honra e glória de Cristo, crer que ele criou sobrenaturalmente mesmo suco de uva que Deus produziu anualmente através de ordem natural criada. Portanto, esse milagre destaca a soberania de Deus no mundo natural, tornando-se um símbolo de Cristo para transformar espiritualmente pecadores em filhos de Deus. Devido a esse milagre, vemos a glória de Cristo “como glória de Unigênito do Pai”. Donald C. STAMPS. *Bíblia de Estudo Pentecostal*, p. 1574.

<sup>30</sup> Várias de suas parábolas comparavam o serviço do Reino de Deus, ao labor do trabalho nos vinhedos. Assim foi com a parábola dos trabalhadores na vinha (Mt 20.1-16); a parábola dos dois filhos (Mt 21.28-32); a parábola dos lavradores maus (Mt 21.33-46).

<sup>31</sup> “(...) é difícil saber qual a expressão original na língua de Jesus. A expressão “muitos” pode ser considerada como quase equivalente de “todos”, em sentido inclusivo, não exclusivo”. José ALDAZÁBAL. *A Eucaristia*, p. 67.

O vinho, por sua vez, apesar de algumas censuras ao longo da história religiosa de Israel<sup>32</sup>, tornou-se um símbolo fortalecedor de vínculos de amizade e comunhão<sup>33</sup>. Prefigurando o vinho ao seu sangue ao instituir a Santa Ceia, Jesus chamava a todos para o compromisso de renovar e rememorar seu sacrifício por nós na cruz<sup>34</sup>.

Associando o vinho ao seu próprio sangue, bebê-lo significaria para sua Igreja muito mais que uma simples lembrança de um sacrifício que se fez a séculos atrás<sup>35</sup>. A intenção de Jesus em querer fazer sua Igreja rememorar sua morte, transcende o conceito apenas de recordação. Quem recorda, dificilmente revive, trás apenas na mente a lembrança dos fatos<sup>36</sup>. Por outro lado, o desejo de Jesus era de que sua Igreja a todo tempo que rememorasse sua morte, de fato, revivesse aquele momento intensamente, se identificasse, se fazendo presente naquele instante. Uma simples lembrança não marca tanto quanto se revive o passado; não diz coisas que somente a experiência revela; não imprime maiores conceitos quando se está longe; não desprende tanta força e energia tanto quanto produz o reviver. Jesus queria mais que aquele instante, queria que aquela celebração, que aquele anúncio de sua morte se transportasse para além da experiência do passado vivido pelos judeus e se projetasse para o futuro; que fosse revivido não somente por tua Igreja enquanto na sua militância aqui na terra<sup>37</sup>.

---

<sup>32</sup> O vinho ao longo da história de Israel, apesar de quase sempre ter sido contra-indicado por meio da Lei (Lv 10.9; 6.3), dos profetas (Is 5.22; Jr 35. 1-7; Ez 44.21; Os 4.11; Hc 2.5) e da sua tradição sapiencial (Pv 20.1; 23.29-35), nunca deixou de figurar em sua cultura agrícola e nem de complementar e ornar seus banquetes.

<sup>33</sup> “Quando se trata de beber o fruto da uva, pouco a pouco um certo ânimo invade aqueles que levantam os copos, cruzam olhares e afirmam o seu companheirismo. Isso que ocorre muitas vezes de maneira imprevista, faz parte dor normal por ocasião das festas. O vinho é motivo de encontro. Quando o vinho é compartilhado a amizade se estreita e as decisões comuns parecem mais firmes, o sentimento de nos comunicarmos com outros alegra o espírito”. Júlio de SANTA ANA. *Pão, Vinho e Amizade*, p. 84.

<sup>34</sup> “Os primeiros cristãos começaram a celebrar a Eucaristia cumprindo o mandato de Jesus “fazei isto em minha memória”. (...) compreende-se como a primeira comunidade pôde celebrar a Eucaristia aplicando esta chave à nova realidade histórica – agora a morte salvadora de Cristo – com abertura para o futuro – o “até que ele venha” de Paulo – mas, sobretudo com a consciência feliz de que no “hoje”, na própria celebração, Cristo se faz presente, fazendo-nos partícipes desse acontecimento salvador da cruz e de seu Reino escatológico”. José ALDAZÁBAL. *A Eucaristia*, p. 43, 45.

<sup>35</sup> “A idéia sublime do poder expiatório do sangue de Cristo, que é o sangue da aliança, é concretizada na Eucaristia, na qual o vinho é o sangue de Cristo”. David FLUSSER. *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo*, p. 229.

<sup>36</sup> “olhar o passado, projetando-o, porém, para o futuro com a espera escatológica e sentindo que o acontecimento histórico e o futuro se concentram no “hoje” da celebração. Isto acontece sobretudo na páscoa. O presente é continuidade com o passado e antecipação do futuro. Por isso o memorial é entendido como atualização do acontecimento histórico e recapitulação de toda história da salvação”. José ALDAZÁBAL. Op. cit, p. 44.

<sup>37</sup> “Um termo-chave nos relatos paulino e lucano é anámnesis. Nenhum termo no vocábulo transmite sozinho seu sentido pleno; lembrança, recordação, representação, experiência renovada são apenas fracas aproximações. Anámnesis expressa o sentido de que, ao repetir essas ações, a pessoa volta a vivenciar a realidade do próprio Jesus presente”. James F. WHITE. *Introdução ao Culto Cristão*, p. 178.

O vinho como símbolo de festa, atinava para o futuro, tinha um caráter escatológico<sup>38</sup>. Seu desejo é de celebrar junto na presença real com aquela por quem deu sua própria vida. Jesus desde aquele momento, após ter bebido junto com seus discípulos, hesitava em beber do fruto da videira juntamente com sua noiva; sua Igreja<sup>39</sup>.

### 1.3. A atividade pastoril e sua repercussão salvífica-pastoral

É notório desde o início das Escrituras o fato de que Deus já prefigurava o epílogo da história da salvação com o sacrifício de um cordeiro em substituição ao homem e a mulher pelos seus pecados<sup>40</sup>. Mesmo antes que os judeus passassem a utilizar em um sentido mais restrito o uso do cordeiro em suas refeições, Deus já havia inaugurado o seu uso como forma de esconder Adão e Eva do medo e da vergonha que o pecado lhes havia provocado, vestindo-lhes com a pele deste animal (Gn 3.21)<sup>41</sup>. A história da salvação que se projeta desde a fundação do mundo (Ap 13.8) tem na amarga experiência desses dois, mostras do que Deus faria pela humanidade caída e destituída da Sua Glória através do seu cordeiro (Jo 1.29). Com o passar dos anos, a experiência de outras situações foram confirmando esta tendência. Deus em seu relacionamento com Abraão procura provar-lhe a fé pedindo em sacrifício seu único filho Isaque (Gn 22.2). Não há dúvidas de que Ele poderia requerer de Abraão outras formas

---

<sup>38</sup> “As palavras da instituição tem importantes dimensões. Em seu contexto, elas são sacrificiais ao falarem de uma aliança feita em sangue. Todos os relatos, especialmente o de Lucas, apresentam uma orientação escatológica”. James F. WHITE. *Introdução ao Culto Cristão*, p. 178.

<sup>39</sup> “E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai” (Mt 26.29). Será as bodas do cordeiro, o grande banquete pré-anunciado na parábola das dez virgens: “E, saindo elas para comprar, chegou o noivo, e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta” (Mt 25.10). É a festa anunciada no céu (Ap 19.1) “como voz de numerosa multidão, como de muitas águas e como de fortes trovões, dizendo: Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso. Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe glória, pois são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou, pois lhe foi dado vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro. Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos” (Ap 19.6-8).

<sup>40</sup> “A Expição não foi um pensamento de última hora da parte de Deus. É evidente que o Cristianismo não é uma religião nova (...) mas, sim, a manifestação histórica de um propósito eterno. O primeiro livro da Bíblia descreve uma vítima inocente morrendo pelo pecado, e o último livro da Bíblia fala do Cordeiro sem mancha, imolado, para livrar os culpados de seus pecados (Ap. 5.6-10)”. Myer PEARLMAN. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*, p. 123, 124.

<sup>41</sup> “Diante da situação de rebeldia dos pais da humanidade (...) Deus faz com que a sentença de morte seja cumprida sobre eles e sejam expulsos do Éden. Por outro lado, a graça de Deus promete um redentor (Gn 3.15). O ato subsequente em que Deus faz morrer animais para que suas peles sejam vestidos os dois pecadores, pode ser visto como o primeiro tipo de obra que aquele que feriria a cabeça da serpente haveria de fazer por toda a humanidade”. Jonathan D. dos SANTOS. *O Culto no Antigo Testamento: Sua Relevância para os Cristãos*, p. 150.

de provar a sua fé, entretanto, assim o fez, trazendo-nos desta forma, a amostra do que Ele faria com seu único filho, entregando-o em sacrifício em favor da humanidade (Jo 3.16)<sup>42</sup>.

A cultura judaica pecuária se prolifera e, com isso, o ofício de pastorear passa ser algo comum entre esse povo por muitos séculos de sua história. Assim sendo, a origem do termo “pastor” ganhou espaço na hierarquia eclesiástica e desde bem cedo passou a ser utilizado pelos líderes da Igreja<sup>43</sup>. A subsistência também do povo de Israel durante sua história estava vinculada à criação e o abate de animais para alimentação<sup>44</sup>. Certamente a maior inserção do cordeiro na cultura religiosa de Israel, se deu a partir da promulgação de sua Lei para sacrifício pelos pecados do povo. Por meio dela os animais destinados ao sacrifício eram levados ao tabernáculo para serem imolados. Esta conduta repetida por tantas vezes, apontava para o único e mais perfeito sacrifício que haveria de ser consumado por Cristo<sup>45</sup>.

O cordeiro era um animal muito comum durante toda a cultura pecuária judaica. A figura do cordeiro como símbolo de Cristo, tentava transmitir o perfil e a conduta de Cristo quando fosse levado ao matadouro: “Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro e, como ovelha muda perante os seus tosqueadores, ele não abriu a boca” (Is 53.7). O cordeiro se caracteriza por ser um animal manso, indefeso e dócil. Ele não tem a malícia nem o instinto da serpente, não oferece nenhuma afronta, não intimida a ninguém. É um animal fácil de ser monitorado. Sua carne de delicioso sabor alimentava a fome de famílias inteiras; por certo era o guisado mais quisto de sua época. Praticamente de nada se desperdiça de uma ovelha<sup>46</sup>. Certamente que a mais marcante representação deste animal para o povo judeu, assim como para os cristãos, se deu com a

---

<sup>42</sup> “Ao oferecer um cordeiro, o homem bíblico dá a Deus aquilo que tem de mais precioso e de mais puro: ele se oferece a si mesmo. Assim o cordeiro, no sacrifício, substitui simbolicamente o homem. Este contexto é de modo especial explicitado no sacrifício de Isaque”. Etienne DAHLER. *Festas e Símbolos*, p. 50.

<sup>43</sup> “Mesmo depois de terem se tornado agricultores, os hebreus sempre conservaram a imagem dos bons tempos, quando eram criadores de ovelhas (pastores). Em razão desse fato, sobreviveram expressões derivadas da atividade do pastoreio, adotadas até pelo Cristianismo; de tal forma, a palavra “pastor” passou a significar “sacerdote” e a palavra “rebanho”, um sinônimo de “povo convertido””. Tereza RODRIGUES. *História Antiga e Medieval*, p. 62, 63.

<sup>44</sup> Patriarcas como Jó, Abraão e Jacó, já praticavam a criação de caprinos. Moisés antes mesmo de passar a lidar com o povo de Israel, trabalhou por quarenta anos na pecuária, cuidando das ovelhas de seu sogro Jetro (Ex 3.1).

<sup>45</sup> “Ao mesmo tempo que Deus ordenou os atos sacrificiais do culto do Tabernáculo, Ele revelou a muitos dos seus servos na velha Dispensação que haveria de ser enviado Aquele que seria o Redentor perfeito. Eram sacrifícios que tinham de ser repetidos continuamente, dia após dia, ano após ano. Aqueles sacrifícios não eram destituídos de significado. Eram valorizados pelas disposições íntimas dos crentes e por causa do efeito que o sacrifício futuro de Cristo projetava sobre eles”. Jonathan D. dos SANTOS. *O Culto no Antigo Testamento: Sua Relevância para os Cristãos*, p. 151, 152.

<sup>46</sup> “Ovelhas e cabras eram o principal sustento dos povos pastoris. A ovelha fornecia vestuário (lã), leite, queijo, manteiga e carne”. Jonh L. MACKENZIE. *Dicionário Bíblico*, p. 675.

Páscoa. No episódio no qual ela foi instituída, cada família que estava cativa no Egito deveria imolar um cordeiro e pôr o seu sangue esparzido nas ombreiras das portas e janelas de suas casas a fim de que fossem livres da morte e libertos para deixarem o Egito e, por conseguinte, a escravidão (Ex 12). Foi na comemoração desta importante festa judaica, que Cristo promulga a liberdade espiritual a todos os povos, promovendo a páscoa dos cristãos à medida que assumia o papel do cordeiro à ser imolado<sup>47</sup>.

Hoje a páscoa judaica busca atualizar a libertação efetuada por Deus não mais por meio do sacrifício de um cordeiro, mas, sim, através do ensino e das leituras da *torah* nas sinagogas<sup>48</sup>. Já a páscoa cristã, abstendo-se igualmente do sacrifício anual do cordeiro, se atém ao fato de festejar a ressurreição de Cristo que, desta forma, conquistou a salvação para aqueles que nEle crê, destacando, como símbolos deste marco, o pão e o vinho em memória do seu sacrifício.

---

<sup>47</sup> “A páscoa é a festa principal dos judeus e tem raízes bem antigas e complexas, já desde os tempos de Canaã e os patriarcas. Parece que estas raízes devem ser buscadas em duas festas relacionadas com a vida natural: a imolação dos cordeiros na primavera (...) e a festa dos pães ázimos (...). O povo de Israel conservando as características destes ritos, acrescentou-lhes, no mesmo marco da primavera, o sentido da libertação e saída do Egito (...). O que podia ter sido apenas uma festa natural, converteu-se num memorial da salvação operada por Deus em favor do seu povo. A páscoa enriqueceu-se assim em seu conteúdo. Os textos de Ex 12 e Dt 16 já supõem a fusão de todos os elementos, antigos e novos, naturais e salvíficos, dando lugar a grande festa que se celebrava no tempo de Cristo e que ainda é o ponto central do ano para os judeus”. José ALDAZÁBAL. *A Eucaristia*, p. 46.

<sup>48</sup>SOUZA, Ágapo Borges de. *Páscoa Judaica*. Boletim Informativo STBNe, Disponível em: <<http://www.stbne.org.br/boletim/boletim026.htm>>. Acesso em: Em 18 out. 2006.

## 2. As Contribuições Sócio-Religiosas do Judaísmo

### 2.1. As refeições e as festas como prenúncio da Liturgia da Eucaristia

Essas três figuras alimentícias: pão, vinho e cordeiro assado, eram, praticamente, a base das refeições e das festas judaicas. A história desse povo traz a lembrança de como o uso desses alimentos tomou raízes e se desenvolveu em meio a sua cultura. Nota-se que o pão, o vinho e o sacrifício de animais desde remotos tempos na cultura hebraica, estiveram estritamente relacionados às refeições feitas por gratidão, e como meio de confraternização<sup>49</sup>.

As primeiras reuniões culturais da Igreja se davam em torno de uma refeição comum a todos os participantes<sup>50</sup>. A Ceia do Senhor, termo utilizado inicialmente pela Igreja (1 Co 11.20), é descrito desde o período primitivo também de outras formas, como: fração do pão e eucaristia<sup>51</sup>. Cultuar ao Senhor para a Igreja primitiva, era celebrar sempre com festa sua morte e ressurreição com e através de alimentos, em especial, o pão e o vinho<sup>52</sup>. Jesus reservou aquele momento da ceia com os discípulos exatamente no dia em que era feita a preparação do cordeiro pascal, e não no dia em que ele seria dado em sacrifício até a morte. Logo, antes festa da Páscoa em que Ele seria oferecido como o cordeiro de Deus, cordeiro pascal (1 Co 5.7); instituiu o culto cristão com as declarações feitas no momento em que parte o pão e dá graças pelo vinho (Mt 26. 26,27)<sup>53</sup>.

---

<sup>49</sup>Na visita que os anjos fizeram a Abraão e Sara para lhes anunciar o nascimento de Isaque, estes foram recebidos com um banquete no qual estavam presentes pão e novilho assado (Gn 18. 1-15). Melquisedeque, rei de Salém, quando foi até Abraão para abençoá-lo, trouxe-lhe pão e vinho (Gn 14.18-20). Semelhantemente ocorrera com Jacó após ter firmado acordo com Labão, seu sogro. Este ofereceu sacrifícios ao Senhor e chamou seus irmãos para comerem pão em comemoração ao acordo (Gn 31.51-54). Não foi diferente o que ocorrera também com Moisés em seu primeiro encontro com Jetro. Este sacerdote de Midiã recebe-o com pão em sua casa (Ex 2.16-20). Posteriormente, na visita que fez a Moisés para lhes trazer sua mulher e seus filhos, este por sua vez, juntamente com Arão e os anciãos de Israel, fizeram um holocausto em louvores a Deus, e assentaram para comerem pão (Ex 18.1-12). Na época de Neemias temos uma forte expressão do cultivo de vinhas e de cereais. Ele mesmo descreve um momento no qual cita o uso do pão e do vinho como sendo iguarias comuns daquela época (Ne 5.1s).

<sup>50</sup>“O culto cristão passou por diferentes estágios, caracterizando-se por ser predominantemente doméstico nos primeiros séculos (...). Nas casas, realizavam-se o “partir do pão”, ação que os distinguiu e identificou como o grupo dos seguidores de Cristo”. Sissi Georg RIEFF. *Diaconia e Culto Cristão nos Primeiros Séculos*, p. 74, 75.

<sup>51</sup>White considera a eucaristia “a estrutura mais distinta do culto cristão. Trata-se do termo mais descritivo que temos, e aquele que usamos com maior frequência”. James F. WHITE. *Introdução ao Culto Cristão*, p. 175.

<sup>52</sup>“Longe de ser mera necessidade física, a refeição transformou-se numa maneira de encontrar-se com Deus como provedor, anfitrião e companheiro”. *Ibidem*, p. 134.

<sup>53</sup>“Jesucristo instituyó el culto de la Iglesia em la santa cena. Al partir el pan, dijo: “Este es mi cuerpo”, y afirmo que el cálice de la nueva alianza era su sangre”. Jean Jacques Von ALLMEN. *El Culto Cristiano: su esencia y su celebración*, p. 26.

As palavras que instituíram a Ceia do Senhor foram enriquecidas de pleno significado e de valores espirituais e sociais através da linguagem simbólica expressas pelo partir do pão e pela ação de graças, dadas também ao vinho<sup>54</sup>. Através dela, Deus não apenas fala, mas também, se doa como forma de manter vivo este organismo; a Igreja<sup>55</sup>. Isto nos remete a concordar que a celebração da Santa Ceia deve primar pela tônica das palavras que a instituiu, por conteúdos que abordem o desejo do Senhor para com a missão de sua Igreja, a comunhão, a fraternidade, e por gestos que dêem vida e sentido à expressão do corpo e dos elementos pão e vinho<sup>56</sup>.

Dentre as ocorrências registradas que influenciaram a maturação da celebração eucarística na igreja primitiva, as Escrituras destacam a forma como ela estava sendo desenvolvida entre os coríntios (1 Co 11. 17ss). A falta de ordem e de consideração pelos mais pobres nesta comunidade primitiva levou o apóstolo Paulo a recobrar a memória do povo acerca dos propósitos da Ceia (v. 23a). Nela estava havendo uma má interpretação junto com a desvalorização do rito de comunhão. Para Paulo, participar da Ceia da forma em que estava sendo celebrada representava um ato de condenação (v. 29), pois os propósitos da Ceia estavam subestimados ao pecado da divisão representado pelos partidos dentro da igreja (vs. 18,19), assim como, pela falta de ordenamento e pelo pecado social expresso através da ganância e da individualidade na partilha dos alimentos (v. 21). O apóstolo entendia que a Santa Ceia devia ser o momento de maior expressão e comunhão não só entre Cristo e sua Igreja, mas também entre os irmãos e irmãs entre si. Fica claro que o maior pecado da Igreja em Corinto, residia na falta da união fraternal (v. 17); na falta da compreensão dos propósitos básicos pelos quais Jesus instituiu a Ceia (v. 29), e isto aponta para o caráter sacrificial tanto quanto para o aspecto social e de justiça. “Porque, ao comerdes, cada um toma, antecipadamente, a sua própria ceia; e há quem tenha fome...” (v. 21). A falta de discernimento do papel da Santa Ceia, ao contrário do que ela propunha de bem e de edificação, trazia condenação, fraqueza e morte espiritual (v. 30).

---

<sup>54</sup> White salienta também que “(...) Deus faz uso de sinais como maneira de se acomodar à capacidade humana”. James F. WHITE. *Introdução ao Culto Cristão*, p. 199, 201.

<sup>55</sup> “Os cristãos experimentavam nos sacramentos a autodoação de Deus, regozijando-se nesses atos-sinal”. Ibidem, p. 138.

<sup>56</sup> “(...) liturgia se realiza em palavras e sinais. As palavras podem ser, às vezes, entendidas como sinais, mas geralmente elas são distintas dos sinais que correspondem aos outros sentidos fora do ouvido. (...) é característico do símbolo que ele, por sua natureza, corresponda à realidade significada”. Gregório LUTZ. *Liturgia Ontem e Hoje*, p.14.

A advertência de Paulo ao pecado coletivo aos membros da igreja em Corinto, desencadeado pela falta dos cuidados acima descritos, assumiu um parecer individualista na Igreja emergente que excluía uns e priorizavam outros, servindo como uma forma de critério de seleção na participação da Santa Ceia. Para Schneider:

“Paulo não pensa em consciência de pecado no sentido geral. Tanto é que o termo “pecado” nem aparece nesse contexto. O que ele está exigindo de cada uma das pessoas da comunidade em Corinto (...) é uma postura autocrítica no sentido de que cada um determine a sua responsabilidade do desvirtuamento do sentido da Ceia do Senhor. O “pecado”, e assim queremos, não reside no elemento oculto e não-confessado, mas na divisão manifesta, na ferida a lacerar o corpo de Cristo, no esvaziamento da dimensão comunitária e solidária. Esse estado de coisas leva ao juízo líquido e certo”<sup>57</sup>.

Outro documento da Igreja nascente que faz comentários à Santa Ceia é a *Didaqué*. Nela, as instruções para a celebração do culto eucarístico é desenvolvida de forma ordenada e explicada<sup>58</sup>. Para Urbano Zilles, é “muito difícil interpretar a Eucaristia a partir dos capítulos 9 e 10 da *Didaqué* tendo em vista a possibilidade do texto referir-se a um ágape, e ter seu contexto junto a análise dos outros temas que antecedem a descrição eucarística”<sup>59</sup>. A *Didaqué* instrui que os irmãos devem reunir-se no primeiro dia da semana para a fração do pão só depois de haver confessado os pecados. Que ninguém que viva em discórdia se junte para cear sem antes tenha resolvido seu impasse com outros irmãos (Cap. 14. 1,2). É notória a valorização da comunhão de mesa entre os irmãos primitivos. Ela, diferente da presunção individual do pecado como regra para participar da Santa Ceia, destaca como imprescindível, o amor fraternal.

### 2.1.1. Os ágapes

A Santa Ceia na Igreja primitiva revelou valores dos mais diversos. Sua celebração buscava rememorar o aspecto sacrificial de Cristo tanto quanto sua relação com o aspecto social e comunitário, expressos através da refeição coletiva e da distribuição de alimentos entre os mais carentes. Os ágapes eram caracterizados por refeições e buscavam priorizar,

---

<sup>57</sup> Nélio SCHNEIDER. *Pecado e Sacrifício na Ceia do Senhor*, p. 122, 123.

<sup>58</sup> O capítulo 9 estabelece que se dê início ao culto dando graças ao vinho (v. 2) e, em seguida, pela fração do pão (v. 3, 4). As demais recomendações descritas no capítulo 10 salientam o ato da Ação de Graças com início de que este ato se segue ao término de uma refeição (v. 1).

<sup>59</sup> Urbano ZILLES. *Didaqué ou Doutrina dos Apóstolos*, p. 63.



além dos membros comunitários, pobres, doentes e marginalizados de outros contextos sócio-culturais<sup>60</sup>.

Desde o início os ágapes estiveram vinculados a instituição da Santa Ceia, vindo, posteriormente, a desmembrar-se desse rito. Ao que tudo indica, a Igreja já tinha o hábito de celebrar a Santa Ceia junto com uma refeição comunitária. Esta conotação fora vivenciada desde os primeiros ritos celebrativos do culto cristão, estendendo-se com este aspecto com grande vivacidade até que o aspecto de refeição foi desassociado do caráter memorial<sup>61</sup>.

Diferente da forte herança litúrgica judaica, os ágapes originaram-se e desenvolveram-se à partir de uma iniciativa nova dos primeiros cristãos, a qual buscava consolidar a prática do amor fraternal durante o anúncio do Reino de Deus, bem como, por meio da comunhão e do partir do pão<sup>62</sup>. O culto de ágape tinha um caráter todo diaconal. Por assim ser, os ágapes denunciavam as injustiças sociais, rompiam barreiras étnicas, de classe e de gênero, entre outras. Eles retratavam com firmeza o papel social da Igreja<sup>63</sup>.

O culto com ceia que se compôs a partir desses dois elementos comuns, o pão e o vinho, resgata, além dos ágapes, outras tradicionais refeições religiosas judaicas praticadas no tempo de Jesus: a *kiddush*, a *habûrah* e a *pesach*.

---

<sup>60</sup> “No século II, os cristãos abastados tinham o costume de convidar para a ceia em suas casas membros da comunidade, escolhendo de preferência pessoas necessitadas e também o bispo ou o diácono. Gregos e africanos davam a esse jantar o belo nome de refeição de amor ou ágape”. A.-G. HAMMAN. *A Vida Cotidiana dos Primeiros Cristãos*, p.175. Sissi Georg, entretanto, citando Roloff e Goppelt, considera que a prática dos ágapes, pelas suas características, remonta o período apostólico. Sissi Georg RIEFF. *Diaconia e Culto Cristão nos Primeiros Séculos*, p. 54, 75.

<sup>61</sup> “É bem possível que a separação entre Eucaristia e ágape tenha sido estimulada pela expansão da Igreja cristã no contexto gentílico, no qual, ao contrário, do ambiente judaico, os traços originais do surgimento da Eucaristia se perderam mais cedo. (...) o período de separação entre Eucaristia e ágape localiza-se no intervalo de cinquenta anos, a saber, depois de Paulo, até a época de atuação de Inácio”. Romeu R. MARTINI, *Eucaristia e Conflitos Comunitários*, p. 91, 93.

<sup>62</sup> “(...) as refeições com Jesus ressuscitado, juntamente com a experiência da última ceia de despedida, com seus gestos e palavras sobre o pão e o vinho e a doação de Jesus como comida, certamente estão à base da compreensão eucarística dos cristãos”. José ALDAZÁBAL. *A Eucaristia*, p. 40.

<sup>63</sup> “1 Co. 11. 17ss assinala a união inicial da refeição que saciava a fome física com referência à ceia de despedida de Jesus”. Sissi Georg RIEFF. Op. Cit., p. 75.

### 2.1.2. A *Kiddushe*

Maxwell concorda que a Última Ceia celebrada por Jesus com seus discípulos, antes de ter origem primária na Páscoa judaica, originou-se a partir de uma refeição que era praticada semanalmente por um grupo de judeus formada por um rabino e seus discípulos chamada *kiddush*<sup>64</sup>. Diferente da Páscoa, dado às suas características pessoais que, por sua vez, tão bem se equipara a narrativa da Ceia, a *kiddush* teria sido a tradição judaica que, possivelmente, Jesus teria encenado com seus discípulos a qual os evangelistas Mateus e Lucas a descrevem como sendo a Páscoa. Esta interpretação parte do princípio de que Jesus, sendo ele mesmo o cordeiro pascal e tendo desejado comer a Páscoa, certamente, a fim de instituir a Santa Ceia, antecipou sua celebração juntamente com seus discípulos poucos instantes antes de ser traído. Esta refeição a qual Ele chamou de Páscoa, entretanto, tinha muito mais características com a tradicional *kiddushe* do que com a Páscoa propriamente dita. A Santa Ceia tem, portanto, seu vínculo com a Páscoa dos judeus devido ao propósito ou, ao sentido pela qual foi celebrada, entretanto, tem na *kiddushe* os procedimentos formais e as características culturais com as quais foi procedida a cerimônia.<sup>65</sup>. Este fato se alia diante de várias circunstâncias paralelas. Por um lado, Jesus era tido por mestre entre seus discípulos e, de igual modo, a cultura judaica reconhecia vários sacerdotes, escribas e fariseus por mestres entre os seus aprendizes e seguidores. As circunstâncias as quais fez Jesus celebrar a Última Ceia, levava-se em conta a iminência de sua crucificação, uma vez que no sábado os judeus não mais se ocupariam com preparativos e nem com a imolação dos cordeiros para a festa. A *kiddushe*, de igual modo, sempre precedia, como já dito, o *sabat* ou alguma outra festa<sup>66</sup>.

Esta também é a conclusão de Reicke: “É bem possível que galileus devotos como Jesus e seus discípulos já tivessem iniciado o dia da preparação para a Páscoa com um

---

<sup>64</sup> “Se sostiene que la Última Cena deriva de un sencillo refrigerio compartido semanalmente por pequeños grupos de hombres judíos, muy a menudo por un rabino y sus discípulos. Su propósito era preparar para el *sabat* o para un festival, y tenía un carácter religioso. Consistía en una plática religiosa seguida por una sencilla comida de pan común y vino mezclado con agua, pasando la copa de uno a outro, y por oraciones”. William D. MAXWELL. *El Culto Cristiano: su evolución y sus formas*, p. 20, 21.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>66</sup> “Es casi seguro que nuestro Señor y sus discípulos estaban acostumbrados a participar de esta comida de comunión en la víspera de cada *sabat* y festival: por consiguiente, la “última cena” fue la última de estas comidas que compartieron. La Pascua era un festival estrictamente familiar; la *Kiddush* siempre era observada por un grupo de amigos masculinos. Durante la Pascua se ofrecía un cordero pascual; esto falta en la Última Cena, pese a que era esencial para la Pascua. Para ésta se exigía pan sin levadura; pero en la *Kiddush* se empleaba siempre pan común leudado (...). En la Pascua se usaban varias copas; en la Última Cena, como en la *Kiddush*, sólo hubo una copa. Durante la Pascua se leía invariablemente el pasaje que narra el éxodo de Egipto; no hamención alguna de que tal cosa hubiera hecho en la Última Cena”. William D. MAXWELL. *El Culto Cristiano: su evolución y sus formas*, p. 20.

*kiddushe*”<sup>67</sup>. Caso não tenha sido a Páscoa dos judeus a única e nem a origem primária da Última Ceia do Senhor, nem por isso esta festa judaica deixou de influenciar o culto e a cultura cristã. Desde cedo, na era apostólica, os cristãos já eram incentivados a celebrar a Páscoa levando em consideração a Cristo como o cordeiro pascal<sup>68</sup>.

Sendo a *Kiddush* um rito no qual tinha a intenção de gerar uma confraternização entre amigos à volta de uma mesa para cear, tal hábito, somado a natureza das refeições familiares judaicas, foi aos poucos configurando o cenário do culto cristão<sup>69</sup>.

### 2.1.3. A *Habûrah*

A origem primária desta tradicional refeição judaica parte do contexto no qual, os judeus reunidos, celebravam sua confissão de fé em Deus. Este também era um momento de interação e de fraternidade<sup>70</sup>. A *habûrah* era uma refeição toda acompanhada de vinho. Ela trazia na sua própria semântica a idéia de “ligar”, “fazer um pacto”, além de destacar o caráter alimentar<sup>71</sup>. O desenrolar desta refeição trás luz a mais uma hipótese de que a Última Ceia não tenha sido exatamente a Páscoa. A *habûrah* era mais uma refeição judaica que busca responder o que Jesus teria chamado de Páscoa entre seus discípulos. Ela apresentava, além do vinho, o pão que é fracionado e ingerido coletivamente, assim como, a ação de graças pela ingestão final do último cálice de vinho<sup>72</sup>. Uma das grandes questões continua sendo o aparente contra-senso no qual Jesus, a principal vítima da festa judaica, o cordeiro que seria imolado, faz Ele mesmo sua celebração<sup>73</sup>.

---

<sup>67</sup> Bo REICKE. *História do Tempo do Novo Testamento*: O mundo bíblico de 500 a.C. até 100 d.C. p. 200, 201.

<sup>68</sup> “Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso cordeiro pascal, foi imolado. Por isso, celebramos a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade” (1 Co 5. 7, 8).

<sup>69</sup> “o culto cristão assimilara das refeições familiares judaicas as orações de ações de graças, mas também as ações as quais compõem o rito do cálice, do pão, da luz”. Sissi Georg RIEFF. *Diaconia e Culto Cristão nos Primeiros Séculos*, p. 72.

<sup>70</sup> Citando Gregore Dix, Martini descreve que “*habûrah* eram encontros de amigos que tinham o propósito de cultivar a devoção e a caridade”. Romeu R. MARTINI. *Eucaristia e Conflitos Comunitário*, p. 36.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 35-37.

<sup>72</sup> “(...) poderíamos pensar que essa ceia de despedida foi alguma das ceias sagradas, por exemplo, a “*haburah*” de fraternidade, que também estava enquadrada numa atmosfera de benção e comunhão, tanto vertical como horizontal”. José ALDAZÁBAL. *A Eucaristia*, p. 70.

<sup>73</sup> “Porque a dúvida? É verdade que os três sinóticos afirmam claramente que foi ceia pascal. Mas, apesar dessa afirmação dos três sinóticos, não é certo que a última ceia de Jesus com os seus tenha sido historicamente ceia pascal, porque para João é impossível situa-la neste marco. Quando Jesus já está na cruz, é então que os judeus sacrificam seu cordeiro pascal. João situa a ceia de despedida “antes da páscoa” (Jo 13.1)”. José ALDAZÁBAL. *A Eucaristia*, p. 70, 71.

*Habûrah* tinha uma dimensão comunitária. Sua prática periódica trazia a mensagem da importância de celebrar a fé em Deus de forma conjunta. Além do mais, a *habûrah* despertava em seus participantes, o cuidado no qual todos deveriam contribuir para a realização da refeição<sup>74</sup>.

As argumentações favoráveis a *Habûrah* baseadas na versão do apóstolo João é de que a Última Ceia teria acontecido antes da festa da Páscoa (Jo 13.1). Sua tônica não estava em ver nas palavras da instituição a principal encenação e, sim, a conduta diaconal de Jesus em lavar os pés dos seus discípulos (vv. 4, 5). Ademais, a *Habûrah* era introduzida com a ingestão de alimentos acompanhada de um cálice de vinho<sup>75</sup>, rito esse que acha apoio nas descrições do evangelho segundo Lucas<sup>76</sup>.

#### **2.1.4. A Pesach**

A Páscoa não pode ser vista apenas como uma refeição que renunciou a instituição do culto cristão. Ela também é a maior festa judaica e, com especial importância para o cristianismo, tendo em vista o que ela representa para Israel, à semelhança do que representa para a igreja; livramento<sup>77</sup>.

Se para os Judeus a Páscoa era a celebração de um evento no qual o povo hebreu rememorava sua libertação e livramento da escravidão no Egito (Ex. 12. 1-28; Lv. 23. 5-8; Nm 28.16s), para os cristãos passou a simbolizar a redenção efetuada por Cristo, sendo Ele mesmo o cordeiro que foi imolado para, através do seu sangue, livrar aos seus da condenação

---

<sup>74</sup> “a oração de agradecimento proferida nesses encontros estava na origem do que veio a ser a Oração Eucarística, parte central da estrutura da liturgia da Eucaristia”. Romeu R. MARTINI. *Eucaristia e Conflitos Comunitário*, p. 39.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 54.

<sup>76</sup> “E, tomando um cálice, havendo dado graças, disse: Recebei e reparti entre vós; pois vos digo que agora em diante não mais beberei do fruto da videira, até que venha o reino de Deus” (Lc 22.17,18).

<sup>77</sup> “A páscoa não era, no hebraísmo palestinese da época de Jesus, apenas uma festa anual israelita como as outras, mas sublinhava-se seu peculiar valor escatológico de libertação definitiva. Fica bem manifesto que a promessa da libertação escatológica pascal se vincula com a aparição do Messias (...). A perspectiva pascal, na qual se encerre e se resume todo o mistério de Cristo, fez que a Igreja primitiva não conhecesse outra celebração senão a pascal”. Dionísio BORÓBIO (org) et al. *A Celebração na Igreja 3: Ritmos e tempos da celebração*, p. 94, 97.

eterna<sup>78</sup>.

A *Pesach* faz lembrar o livramento de morte que Deus deu aos primogênitos hebreus escravos no Egito em função do sangue do cordeiro esparzido nas ombreiras das portas e das janelas de suas casas (Ex 12.23-27). Traz à memória um Deus que contra todo o poderio de Faraó e seus exércitos, usou de sua forte mão para tirar o povo da escravidão (Ex 13.14). *Pesach* também faz lembrar, através dos pães ázimos, a pressa com que Israel deixou as terras egípcias, não dando tempo de fermentar os pães levados para a viagem pelo deserto (Ex 12.17). Relembra, através das ervas amargas, os momentos de escravidão sofridos no Egito, uma amostra dos instantes de aflição nos quais a Igreja deveria passar (Jo 16.33b).

Contra toda argumentação de que não tenha sido ela a refeição através da qual Jesus instituiu o culto cristão, lhe favorece o testemunho dos evangelistas que denominaram-na como sendo sua última refeição<sup>79</sup>.

A *Pesach* marca o início da primavera e salienta a importância da agricultura como um marco da providência divina. Entretanto, antes de se assemelhar aos padrões dos antigos povos contemporâneos dos hebreus que também a celebravam<sup>80</sup>, a comemoração da *Pesach* para os judeus e, não menos, para os cristãos, quer rememorar toda sua história salvífica<sup>81</sup>.

Independente de quais sejam as evidências de qual tenha sido a refeição conhecida como a Última Ceia a qual Jesus se utilizou para instituir o culto eucarístico, fica a transparência de quão grande importância tinha as refeições de cunho comunitário entre os

---

<sup>78</sup> “O rito pascal da Igreja cristã é uma anamnese da libertação que Jesus realizou e é celebrada pelo povo do novo pacto que foi estabelecido por seu sangue”. Eugene L. BRAND. Batismo: uma perspectiva pastoral. p. 41. Cf. Rm 3.24; I Co 5.7; Ef 1.7; Tt 3.4-6; Hb 9.11,12; Ap 5.6.

<sup>79</sup> “A Páscoa, entre todas, é a festa mais mencionada no Novo Testamento. Foi durante a Pessach que Jesus concluiu sua missão e realizou o acontecimento definitivo da salvação. Os Evangelhos indicam que Jesus foi a Jerusalém para passar a Páscoa”. Antônio Carlos COELHO. Encontros Marcados com Deus: Expressão da unidade do Povo de Deus: As festas judaicas e o cristianismo, p. 61. Cf. (Mt 26.17-19; Mc 14.12-16; Lc 22.7-12).

<sup>80</sup> “A Páscoa celebra a colheita da cevada na primavera (...). Oferecendo a Deus parte dos seus produtos da estação, os primitivos reconheciam-nos como pai e os aceitavam como dons. Originalmente uma festa agrícola, ela se tornou em Israel a comemoração por excelência da libertação do Egito”. Carmine DI SANTE. Israel em Oração: as origens da liturgia cristã, p. 217. “(...) a Festa de Aviv, Festa da Primavera – celebrada por sumerianos, babilônicos, canaanitas, gregos e outros povos contemporâneos dos hebreus, (...) caracterizavam o culto da fertilidade dos povos primitivos”. Antônio Carlos COELHO. Op cit., p.54.

<sup>81</sup> “(...) o memorial é entendido como a atualização do acontecimento histórico e a recapitulação de toda a história da salvação. Com esta categoria tão assimilada pelos judeus, compreende-se como a primeira comunidade pôde celebrar a Eucaristia aplicando esta chave à nova realidade histórica. A ceia pascal dos judeus é, junto com as refeições com Jesus, antes e depois de sua páscoa, a chave mais próxima que preparou o sentido da Eucaristia para a primeira comunidade”. José ALDAZÁBAL. A Eucaristia, p. 44, 45.

judeus<sup>82</sup>, e de como sabiamente Jesus as utilizou para encenar a memória do teu sacrifício, símbolo da Nova Aliança entre Deus e sua Igreja.

## 2.2. Os espaços litúrgicos e sua influência na formação da Liturgia da Palavra

O culto é influenciado também por outras tradições do judaísmo: o culto no Templo e os ofícios sinagogais<sup>83</sup>. A herança do culto cristão extraída desses dois distintos centros do judaísmo formou a base da Liturgia da Palavra<sup>84</sup>.

As influências geradas pelas liturgias celebradas no Templo e nas sinagogas, certamente contribuíram na formação do culto cristão primitivo fortemente voltado a espiritualidade e a participação coletiva<sup>85</sup>.

### 2.2.1. O Templo

Uma das heranças na utilização do culto judaico que logo cedo os cristãos passaram até mesmo a partilharem em comum foi o uso do Templo<sup>86</sup>. O sacrifício de animais era um dos principais exercícios cultuais praticado pelos sacerdotes<sup>87</sup>. Entretanto, Jesus e os cristãos utilizavam-no para o ensino da Palavra, para a oração e para a adoração a Deus. O evangelho segundo escreveu Lucas mostra Jesus no Templo ensinando e evangelizando o povo (Lc

---

<sup>82</sup> “(...) o Novo Testamento faz do culto, tendo em vista o comportamento de Jesus e seus ensinamentos globais, sua reflexão sobre a nova situação criada pela páscoa do Senhor. A igreja primitiva estava convencida de que Jesus encerrava as formas cultuais do Antigo Testamento e abria passagem para um novo culto a Deus, no qual, sobre uma base de cumprimento e aperfeiçoamento do anterior, poder-se-ia viver a comunhão com o Pai numa relação mais próxima e profunda: a relação própria dos filhos (Rm 8. 14-17)”. Julián López MARTÍN. *No Espírito e na Verdade*, v.1, p. 28.

<sup>83</sup> “(...) por pelo menos algum tempo, os cristãos continuaram participando do culto nas sinagogas e no templo”. William D. MAXWELL. *El Culto Cristiano: su evolución y sus formas*, p. 15.

<sup>84</sup> “A liturgia da palavra, desde os primeiros tempos, constituiu a primeira metade da eucaristia (...), a segunda metade, o sinal representado”. James F. WHITE. *Introdução ao Culto Cristão*, p. 175.

<sup>85</sup> “a liturgia primordial de Israel era, portanto, um culto espiritual: ouvir a palavra de Deus e vivê-la. E este culto era a liturgia de todo o povo, do povo consagrado ao serviço de Deus”. Gregório LUTZ. *Liturgia Ontem e Hoje*, p. 10.

<sup>86</sup> “Jesus e os primeiros cristãos freqüentavam o Templo para adorar a Deus. Paulo, apesar de seus ensinamentos acerca da universalidade da religião cristã, sentia-se afeiçoado ao Templo e ia lá para rezar (At. 22.17; 21. 23-25)”. Humberto PORTO. *Liturgia Judaica e Liturgia Cristã*, p. 52.

<sup>87</sup> “dos cultos nos templos, destaca-se o caráter sacrificial. Através dos sacrifícios realizados nos cultos do Templo, os judeus se relacionavam com Deus, como nação e indivíduos. Os sacrifícios diários eram realizados pela manhã e à tardinha (Êx 29.38,39)”. Sissi Georg RIEFF. *Diaconia e Culto Cristão nos Primeiros Séculos*, p. 70.

20.1). Durante a festa judaica conhecida como Festa dos Tabernáculos, Ele se aproveitou da multidão presente e passou a ensinar (Jo 7.14). Após a ascensão do Senhor, a Igreja por muito tempo se fazia presente no Templo orando e louvando a Deus (Mt 24.53; At 2.46).

A história do Templo judaico remonta seu ciclo religioso<sup>88</sup>. Ela surge a partir do tabernáculo erguido no deserto por ordem divina dada à Moisés (Ex 25-27). Deus através daquele provisório espaço físico buscava relacionar-se com o povo de Israel durante seu êxodo pelo deserto<sup>89</sup>. O Tabernáculo desde aquele primeiro momento com todo seu aparato<sup>90</sup> já queria designar um local íntimo no qual Deus pudesse ter um encontro reservado com o seu povo através do serviço sacerdotal<sup>91</sup>. É evidente, contudo, que este espaço íntimo não apontava necessariamente para a edificação de prédios. O edifício do qual Deus sempre desejou habitar é sua própria criatura feita à sua imagem e semelhança; o ser humano<sup>92</sup>.

O apego destorcido ao Templo, cegava o povo fazendo-o esquecer também do seu compromisso social com a opressão aos estrangeiros, o órfão e a viúva, dando-lhe um aspecto de objeto de veneração<sup>93</sup>. O Templo havia tornado para os judeus um símbolo de orgulho e uma espécie de escudo no qual eles se sentiam protegidos. Eles se escoravam nas conquistas do passado em detrimento de seu decaído estado espiritual<sup>94</sup>.

O legalismo e o farisaísmo judaico também já haviam feito desaparecer do Templo seus méritos espirituais. Esta conduta fora refletida também à medida em que seus sacerdotes

---

<sup>88</sup> “(...) a história completa de sua procura [Abraão] pela verdade durante sua vida inteira, culminando na cena dramática que ocorreu no monte Moriá e narrada nas páginas do Gênesis, é essencial para compreendermos esse desenvolvimento histórico da religião monoteísta e a história do monte do Templo em Jerusalém”. Richard ANDREWS. *Sangue Sobre a Montanha*, p. 31.

<sup>89</sup> “O Tabernáculo não era um lugar onde se invocava uma vez ou outra, a presença de Jeová. Era o lugar de sua habitação. Todos os atos feitos no Tabernáculo eram considerados como feitos a Jeová, pessoalmente, que ali habitava”. Jonathan D. dos SANTOS. *O Culto no Antigo Testamento: Sua Relevância para os Cristãos*, p. 113.

<sup>90</sup> no átrio o altar do holocausto; no santuário o candelabro, a mesa para os pães da propiciação e o altar para incenso; no Santo dos Santos a Arca da Aliança e o propiciatório com os querubins que a tampava, contendo as tábuas de pedra com os Dez mandamentos, a vara de Arão e um vaso com maná (Ex 25ss.)

<sup>91</sup> “O Tabernáculo, construído por Moisés no deserto, deixou profundas lições para a Igreja, tanto através da rica tipologia dos seus objetos, como também pelo significado espiritual do sacerdócio, dos sacrifícios e das celebrações anuais”. Abraão de ALMEIDA. *O Tabernáculo e a Igreja*, p.13.

<sup>92</sup> “(...) vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus” 1 Co 3.9. Ver também Ef 2.19-22.

<sup>93</sup> “não é necessário que o ídolo seja um fetiche, estátua ou qualquer outra imagem. Pode ser também certo espaço físico, onde se encontra o poder opressor. O ídolo material era o Templo de Jerusalém. Mas o ídolo espiritual era um sistema de opressão, do qual se aproveitavam os poderosos e ao qual se ajustava a maior parte dos setores do povo de Israel”. Júlio de SANTA ANA. *Idolatria e Sacrifício*, p.122.

<sup>94</sup> “sob muitos aspectos, o Templo tinha o mesmo significado para os israelitas que a cidade de Jerusalém. O Templo simbolizava a presença e a proteção do Senhor Deus entre o seu povo (Ex. 25.8; 29.43-46)”. Donald C. STAMPS. *Bíblia de Estudo Pentecostal*, p. 666.

eram coniventes com o comércio no Templo, a quem Jesus os igualou juntamente com os cambistas, chamando-os de salteadores (Mc 11. 15-18)<sup>95</sup>, oportunidade esta em que Jesus contrasta a idéia do templo físico ao seu próprio corpo, deferindo-lhes uma profecia (Mt 24)<sup>96</sup>.

O Templo que devia ser reservado para o sacrifício de animais em oblação pelo pecado do povo, o fazia sem mais valor, passando a ser um centro comercial desses animais. Todo este edifício o qual foi construído para servir de espaço a fim de receber as sinceras orações do povo (Is 56.7; Mt 21.13a), não mais passava de uma arquitetura oca; que tinha também o propósito de adorar a Deus, se perdeu no vazio da glória e da vaidade judaica<sup>97</sup>.

Mesmo antes de ser derribado, havia um outro espaço físico de origem judaica destinada para o culto no qual, mais uma vez, a Igreja reinterpreto os ofícios ali realizados pelos judeus para o exercício de seu culto; a Sinagoga<sup>98</sup>.

### 2.2.2. As Sinagogas

Acredita-se que as primeiras sinagogas partiram primeiramente da necessidade de se rever um novo espaço para a celebração do culto logo após o exílio babilônico<sup>99</sup>.

---

<sup>95</sup> “Este fato confirma as declarações de Jeremias contra o templo considerado lugar idolátrico. O mercado do Templo, com seus cambistas, cujas mesas Jesus derrubou, era sumamente necessário para o desenvolvimento adequado do culto. Ali, os peregrinos podiam comprar o material sacrificial para observar as prescrições legais a respeito dos holocaustos (Lv 1.3-17), a apresentação das oferendas (Lv 2.1-16), os sacrifícios de comunhão (Lv 3.1-17), os sacrifícios expiatórios (Lv 4.1-35) e os sacrifícios penitenciais (Lv 5.14-19), pagando em cada caso os serviços sacerdotais (Lv 7.28-38)”. Julio de SANTA ANA. *Idolatria e Sacrifício*, p.124.

<sup>96</sup> “Logo a pregação da Igreja se inspirou nos ensinamentos de Jesus atinentes à sua própria pessoa como o verdadeiro Templo de Deus na terra. A purificação do Templo e a profecia de sua destruição ganham significado escatológico (Mc. 13.2). Deus haverá de instaurar no futuro um templo novo para todas as nações. É de supor que João (2.19) ofereça no caso o teor autêntico destas palavras, que dizem respeito, primeiramente, ao corpo ressuscitado de Jesus e, em segundo lugar, ao corpo eclesial. Colocam-se em idêntica linha de interpretação Paulo (1 Co. 3.16s; Ef. 2. 20-22) e João com a nova Jerusalém (Ap. 21). Com relação à Igreja, o conceito se consolidou com a formação de teologia da comunidade cristã, verdadeiro Templo de Deus entre os homens(...). O Culto novo não se realizará somente em Gerizim ou Jerusalém, mas por toda a parte onde se reúne a *eclesia Dei* para adorar em Espírito aquele que é a verdade”. Humberto PORTO. *Liturgia Judaica e Liturgia Cristã*, p. 52, 53.

<sup>97</sup> “(...) o tamanho e a beleza da obra são comentados por todos os que escrevem sobre Jerusalém – desde Josefo até Leen Ritmeyer (...). A obra herodiana não só dobrou a área original (caberiam doze campos de futebol na plataforma!) como também modificou permanentemente a topografia da cidade”. Randall K. COOK. *O Templo – Sua História e Seu Futuro*. p. 73.

<sup>98</sup> “(...) cuarenta años después de la muerte de nuestro Señor, el Templo fue destruído por los romanos para no ser reconstruído nunca más; las sinagogas permanecieron”. William D. MAXWELL. *El Culto Cristiano: Su evolución e sus formas*. p. 16, 17.

<sup>99</sup> Míguez entende, entretanto, que é difícil estabelecer com precisão a modalidade cultural desenvolvida pelas sinagogas até antes do primeiro século da era cristã, uma vez que também, até o momento, não foram encontrados nem mesmo ruínas com data anterior ao segundo século d.C., comentando que os evangelhos apenas fazem menção de tal existência. Cf. Néstor O. MÍGUEZ. *A Sinagoga do Novo Testamento*, p. 122-124.



A partir do primeiro século, entretanto, os ofícios sinagogais se mostraram mais latentes e demonstraram aptidões também para outras discussões e necessidades do povo<sup>100</sup>.

Assim como em tantas outras tradições religiosas, o cristianismo tem na tradição judaica do ofício sinagoga, sua maior expressão que busca fundamentar sua Liturgia da Palavra<sup>101</sup>.

Pesquisadores concordam que a sobrevivência e a identidade de Israel como povo de Deus, se preservou em função do cuidado dos exilados em se reunirem para lerem a Lei e recontarem as histórias e os feitos de Deus no meio do seu povo<sup>102</sup>.

A sinagoga é de origem rabínica e surgiu tanto em Israel quanto na diáspora<sup>103</sup>. Esta conclusão é praticamente de consenso geral. Vários pesquisadores presumem o mesmo<sup>104</sup>.

Humberto Porto a identifica inicialmente como a *Kahal Yaweh*, vocábulo equivalente a “assembléia”, cujo correspondente no grego clássico seria *ekklesia*, “assembléia do povo”<sup>105</sup>.

Com maior abertura para as comunidades, inclusive entre os “gentios”, a Igreja traz uma nova visão da proposta para a assembléia que nascia<sup>106</sup>. Esta conotação primária da Sinagoga, até mais do que a atual, traz à tona, mais uma vez, o quanto o culto da Igreja

---

<sup>100</sup> “(...) ao relato dos evangelhos, junto com outros testemunhos, a sinagoga pode ter tido funções judiciais e punitivas (Mc 10.17; 23.24)”. Néstor O. MÍGUEZ. *A Sinagoga do Novo Testamento*, p. 127.

<sup>101</sup> White diz que “o ofício sinagoga judaico e sua mentalidade estão subjacentes à liturgia cristã da palavra”. James WHITE. *Introdução ao Culto Cristão*, p. 112.

<sup>102</sup> “por estranho que pareça, ele [o ofício sinagoga] parece ter surgido para preencher uma função nacionalista, a sobrevivência de Israel durante o exílio na Babilônia (...). Israel mantinha sua identidade pela lembrança. Os israelitas se recordavam do que Deus havia feito pelo seu povo eleito, cuja história os tornara únicos”. Ibidem, p. 112.

<sup>103</sup> INTERATIVO, Perguntas e Respostas. *Sinagoga: quem a inventou?* Beit Chabad do Brasil, Disponível em: <<http://www.chabad.org.br/interativo/FAQ/sinagoga1.html>>. Acesso em: 01 jun. 2006.

<sup>104</sup> Sissi Georg RIEFF. *Diaconia e Culto Cristão nos Primeiros Séculos*, p. 71. William D. MAXWELL. *El Culto Cristiano: Su evolución e sus formas*, p. 17. Humberto PORTO. *Liturgia Judaica e Liturgia Cristã*, p. 55.

<sup>105</sup> Cf. Humberto PORTO. *Liturgia Judaica e Liturgia Cristã*, p. 169.

<sup>106</sup> “a escolha do termo *ekklesia* para a comunidade cristã já é de per si todo um indicador. Ambos os termos, *ekklesia* e *synagôgê*, estavam disponíveis na tradição do judaísmo helênico (...). O cristianismo preferiu apresentar-se como a Assembléia de um novo povo e não como uma reunião religiosa entre outras, ao passo que o judaísmo helenizado preferiu distinguir-se da *ekklesia* e adotar uma palavra que lhe dava uma significação mais ampla”. Néstor O. MÍGUEZ. *A Sinagoga do Novo Testamento*, p. 124.

primitiva se espelhou no desenrolar do ofício sinagoga para desenvolver mais uma de suas formas litúrgicas; a Liturgia da Palavra<sup>107</sup>.

A esse comportamento judaico comum das sinagogas de reunirem-se para ensinar, ler e meditar<sup>108</sup> no qual se espelhou a Igreja, originou-se o termo homilia, oriundo da “palavra grega *he homilia*<sup>109</sup>. O verbo *homilein* significa “relacionar-se, conversar”. *he homilia* designa, no NT, “o estar juntos, o relacionar-se”<sup>110</sup>.

Por fim, a liturgia da Palavra foi aos poucos se tornando para a Igreja, uma atividade ministerial devido as suas muitas facetas e formas. Com o crescimento da Igreja e as muitas atividades que iam surgindo em decorrência deste aumento, os apóstolos perceberam que teriam que se dedicar exclusivamente ao ministério da Palavra<sup>111</sup>.

Nos seus três primeiros séculos, a Liturgia da Palavra se compôs da seguinte forma dentro do culto: saudação, leitura do Antigo Testamento, salmo, epístola, Evangelho e o sermão, propriamente dito<sup>112</sup>.

A implementação dos textos dos evangelhos e das epístolas na Igreja vieram se fixar em décadas posteriores. Os primeiros pregadores cristãos não dispunham de nenhum arcabouço literário no seu tempo que pudessem consubstanciar suas prédicas<sup>113</sup>.

Com a destruição do segundo Templo que fora reformado e ampliado pelos herodianos<sup>114</sup>, os judeus continuaram e se firmaram cultualmente com o uso das sinagogas que restaram e que estavam espalhadas por outras partes da Palestina, a exemplo da

---

<sup>107</sup> “O uso litúrgico da Bíblia para leitura e comentário principiou no ofício sinagoga, e foi seguido sem mais pela comunidade dos cristãos”. Humberto PORTO. *Liturgia Judaica e Liturgia Cristã*, p. 175.

<sup>108</sup> “(...) a liturgia do ofício sinagoga era composta pela oração *shema* combinada com outras orações, leitura da Lei e dos Profetas, um apalavra de exortação e a bênção de encerramento (...)”. Sissi Georg RIEFF. *Diaconia e Culto Cristão nos Primeiros Séculos*, p. 71.

<sup>109</sup> “(...) o elemento principal na adoração praticada na sinagoga era a leitura e a exposição da Lei. A Lei era lida, seguindo-se, por sua vez, uma homilia”. Ralph P. MARTIN. *A adoração na Igreja Primitiva*, p. 73.

<sup>110</sup> Nelson KIRST. *Rudimentos de Homilética*, p. 9.

<sup>111</sup> Cf. At 6.3,4.

<sup>112</sup> Cf. James WHITE. *Introdução ao Culto Cristão*, p. 118.

<sup>113</sup> “o emprego de textos, tomados à escritura hebraica, era praticamente inelutável na liturgia cristã. Fora desses escritos, não conhecia a Igreja primitiva nenhuma outra escritura. Nascida a partir da sinagoga (...), dela herdou o *Judaica e Liturgia Cristã*, p. 178.

<sup>114</sup> Cf. Randall K. COOK. *O Templo - Sua História e Seu Futuro*, p. 73.

Galiléia<sup>115</sup>. Entretanto, o crescimento do cristianismo entre os gentios foi aos poucos gerando tensão e certa disputa entre os cristãos judaizantes que, por sua vez, repercutia no uso dos espaços sinagogais<sup>116</sup>.

---

<sup>115</sup> Míguez presume que as características das sinagogas se davam também em função de sua locação no território palestino e que Jesus teria optado por freqüentar as sinagogas aldeãs por ser locais mais propícios para a proclamação do Reino. Néstor O. MÍGUEZ. *A Sinagoga do Novo Testamento*, p. 126-128.

<sup>116</sup> “o judeu-cristianismo, expulso do seu próprio espaço, cede ante o cristianismo gentio. Estas sinagogas que restam, ou os novos núcleos que se formam a partir da divisão, agora são “igreja””. Ibidem, p. 139.

### 3. Elementos de Influência Comportamental na Formação e Condução do Culto

A história dá a perceber que os primeiros líderes eclesiásticos influenciaram grandemente o perfil comportamental das primeiras comunidades cristãs que nasceram e se desenvolveram sob suas respectivas lideranças<sup>117</sup>.

Grande parte das comunidades do cristianismo nascente pendeu para a celebração de um culto no qual a espontaneidade tomou grandes proporções litúrgicas. Lucas ao escrever os Atos dos Apóstolos enfatiza a grande manifestação do Espírito Santo na composição da Igreja e do seu culto com grande propensão ao êxtase espiritual<sup>118</sup>. O apóstolo Paulo, apesar de sua forte influência judaica, foi um dos que mais defendeu e propagou a ação do Espírito Santo através de dons manifestos com o uso da profecia, da revelação e da *glossolalia*, termo usado para responder pela “forma de ligação entre as duas realidades, a celestial e a terrena, (...) que ocorria por meio do culto. Dito de outra forma, a *glossolalia* é um reflexo da prática do culto celestial em comunidades cristãs primitivas”<sup>119</sup>. O Pesquisador Paulo Nogueira, entretanto, defende a idéia de que o cristianismo primitivo se propagou sob várias vertentes<sup>120</sup>.

É patente a expectativa apocalíptica sobre alguns desses segmentos; expectativa essa que a Igreja também se viu envolvida a ponto de clamar *maranata*<sup>121</sup> por diversas vezes.

Essas e outras facetas do culto se exteriorizaram e passaram a definir o perfil comportamental dos primeiros cristãos, visto inicialmente por alguns romanos, como mais

---

<sup>117</sup> “Em redor de grandes líderes, formam-se comunidades, que desenvolvem tradições próprias, tanto literárias quanto cultuais”. Sissi Georg RIEFF. *Diaconia e Culto Cristão nos Primeiros Séculos*, p. 72, 73.

<sup>118</sup> “O livro dos Atos dos Apóstolos foi com justiça chamado de “Evangelho do Espírito Santo”. Lucas destaca de forma extraordinária o papel do Espírito nas origens do cristianismo (...). É necessário resgatar esta história do Espírito na origem do cristianismo em Jerusalém”. Pablo RICHARD. *As diversas origens do cristianismo: Uma visão de conjunto (30-70 dC)*, p. 18, 19.

<sup>119</sup> A Paulo A. S. NOGUEIRA. *Experiência Religiosa e Crítica Social no Cristianismo Primitivo*, p. 66.

<sup>120</sup> “(...) nem toda a experiência cristã primitiva se reduz ao culto extático, e muito menos à glossolália. Ela limitava-se mais a algumas comunidades paulinas, principalmente a de Corinto”. *Ibidem*, p. 74.

<sup>121</sup> “É uma transliteração do aramaico vinda da antiga igreja de Jerusalém. Deve significar: “Vem Senhor””. Russel SHEDD, *Bíblia de Estudo Pentecostal*, p. 1629.

uma entre outras formas de judaísmo, gozando assim, temporariamente, o prestígio que estes tiveram por algum tempo<sup>122</sup>.

Conforme veremos, uma breve consulta em algumas literaturas judaicas de teor apocalíptico talvez explique, em parte, a cumplicidade das comunidades formadas em volta dos apóstolos Paulo e João durante seus cultos, com a descrição extática e a expectativa apocalíptica dos referidos livros. Diz Nogueira: “É sedutora a idéia de que em cada culto os cristãos das comunidades da Ásia Menor podiam ter acesso ao mundo das estruturas e dos poderes celestiais que regem o cosmo, mesmo que ocultamente, e no êxtase religioso do seu culto começavam a recriar o mundo e vivenciar tempos de salvação”<sup>123</sup>.

### 3.1. A conduta extática/carismática ligada a Paulo

As comunidades cristãs fundadas pelo apóstolo Paulo desenvolveram um culto de aspecto mais empírico e de ações espontâneas, atribuindo às mesmas a atuação do Espírito Santo (At 2.1-4; 10. 44-46)<sup>124</sup>.

Para o doutor e pesquisador Paulo A. S. Nogueira, “o cristianismo nasceu como religião extática”<sup>125</sup>. Nogueira aponta várias literaturas judaicas que se divulgaram antes e durante o primeiro período primitivo da Igreja as quais fazem revelações detalhadas de cultos no céu que, de alguma forma, surtiram efeito nos cultos terrenos. Nogueira traça um paralelo entre a visão apocalíptica de João com a religiosidade judaica apocalíptica desenvolvida no primeiro século, concordando que o apóstolo partilhava do mundo religioso e simbólico do misticismo judaico. Essa convivência teria influenciado o perfil comportamental extático da Igreja primitiva, principalmente das comunidades desenvolvidas pelo apóstolo Paulo<sup>126</sup>.

---

<sup>122</sup> “Em sentido positivo a conservação do vínculo com o judaísmo teve a vantagem de que a Igreja no tempo de Nero ainda podia ser considerada uma forma de judaísmo. Com isso ela pôde aproveitar da liberdade religiosa concedida aos judeus desde César, e sem obstáculos legais conseguiu conquistar novos adeptos no mundo greco-romano”. Bo REICKE. *História do Tempo do Novo Testamento: O mundo bíblico de 500 a.C. até 100 d.C.*, p. 272.

<sup>123</sup> Paulo A. S. NOGUEIRA. *Experiência Religiosa e Crítica Social no Cristianismo Primitivo*, p. 57, 58.

<sup>124</sup> Falando sobre o rosto da Igreja no período primitivo, assim descreve Hamman: “Reunida em torno de Cristo, a Igreja é guiada pelo Espírito Santo. Essa verdade se manifesta no cotidiano. O Espírito dirige pastores e fiéis, tanto em Corinto como em Roma, e distribui seus dons com munificência”. A.-G. HAMMAN. *A Vida Cotidiana dos Primeiros Cristãos*. p. 119.

<sup>125</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>126</sup> A.-G. HAMMAN. *A Vida Cotidiana dos Primeiros Cristãos*, p. 18-68.

Ademais, alguns desses livros fazem narrativas de expressões idiomáticas, “comum entre os anjos”, não conhecidas na esfera terrestre, os quais, da mesma forma, apontam para a relação entre o culto terreno e celestial<sup>127</sup>. Toda esta espantosa descrição do mundo espiritual, por sua vez, não é de todo estranho a algumas revelações experimentadas pelo apóstolo Paulo a quem induz a Igreja do seu tempo a buscar semelhante conduta em seus cultos. Paulo, que foi judeu zeloso da Lei (At. 22.3), agora fazia revelações em seus escritos de ter viajado até o terceiro céu e ter ouvido palavras que não se pode exprimir; indizíveis (2 Co 12.1-4). Em outro momento, faz comentários de línguas dos anjos como quem as conhece (1 Co. 13.1) e não esconde o fato de que fala em línguas estranhas mais do que todos e com maior variedade (1 Co 14.18). Hamman argumenta que, mesmo depois da virada do século, “(...) uma fermentação mística, com visões e profecias, agitou a Igreja ao longo do século”<sup>128</sup>. Citando alguns pais da Igreja, comenta o envolvimento destes com as manifestações espirituais:

Os bispos carismáticos eram muitos: Inácio e Policarpo eram conduzidos e agraciados com revelações. Miletto de Sarde era guiado pelo Espírito. Um século mais tarde, visões e revelações ainda tinham presença impressionante na vida de são Cipriano. Justino e Irineu conheciam cristãos, iluminados pelo Espírito, que haviam recebidos o dom de cura, das línguas, da presciência e do conhecimento. Hermas se apresenta com um inspirado e favorecido por numerosas visões<sup>129</sup>.

Desta forma, a igreja nascente de Jerusalém e demais comunidades estabelecidas através do ministério de Paulo, mostrou-se ser o cumprimento da promessa feita pelo profeta Joel (At 2. 14-18) e, até mesmo, por Jesus durante seu ministério (Mc 16. 17).

Diferente de todo o formalismo judaico, o culto celebrado com tal expressão espiritual, facultou com mais facilidade a inclusão dos gentios no seio da Igreja, assim como, a participação comum de todos na liturgia, independentemente de sua raça ou condição social<sup>130</sup>.

---

<sup>127</sup> “Temos um testemunho impressionante de “língua dos anjos” nos Manuscritos do Mar Morto. Nos *Cânticos do Sacrifício Sabático* da gruta 4 de Qumran é ilustrada a relação entre o culto terreno e celestial. (...) O conteúdo dos louvores são de caráter visionário: trata-se de anjos, dos céus (...). Essa densidade de linguagem parece ser indício dos limites da linguagem humana na expressão das coisas celestiais”. Paulo A. S. NOGUEIRA. *Experiência Religiosa e Crítica Social no Cristianismo Primitivo*, p. 67.

<sup>128</sup> A.-G. HAMMAN. *A Vida Cotidiana dos Primeiros Cristãos*, p. 119.

<sup>129</sup> *Ibidem*, p. 119, 120.

<sup>130</sup> “Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus. Destarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.26,28).

### 3.2. A Visão e a Expectativa Apocalíptica ligada a João

O culto cristão primitivo trazia a expectativa de juízo divino com a denúncia de opressão social dos ricos sobre os mais pobres, somado a expectativa do retorno do messias<sup>131</sup>. Expressão do tipo *maranata* (1 Co 11.26; 16.22) conclamada pela Igreja primitiva em seus cultos<sup>132</sup>, ao tempo que anunciava o desejo ardente da Igreja em rever o seu Senhor, revelava a ansiedade e a expectativa que esta tinha de juízo vindouro (Jd 14,15), tema comum do apocalipse de João confirmado pelo epílogo de sua revelação (Ap. 22.20).

Há também uma aparente similaridade de manifestações de êxtase entre algumas facções judaicas que se desenvolveram no período intertestamentário e que se projetou até o primeiro século d.C. influenciando o aspecto carismático o qual algumas comunidades primitivas viveram intensamente nos seus primórdios<sup>133</sup>. Paulo Nogueira acredita que a Igreja primitiva foi fortemente influenciada pela *apocalíptica judaica*<sup>134</sup>, causando-lhe forte impacto visionário<sup>135</sup> e que o apocalipse de João segue a tendência de outros apocalipses do séc. I d.C.<sup>136</sup>. *Merkavah*, segundo o próprio Nogueira, significa ou representa o *trono carruagem de Deus*, uma espécie de misticismo apocalíptico judaico<sup>137</sup>.

Talvez essa tendência explique o fato de que a expectativa apocalíptica dos cristãos primitivos estivesse sobrecarregada de juízo iminente levando alguns profetas da Igreja

---

<sup>131</sup> “A prática do Ágape, com certeza, incluía a denúncia (aberta ou velada) e a crítica ao sistema que marginaliza, exclui e separa as classes sociais (...). 1 Co 11. 17s. assinala a união inicial da refeição que saciava a fome física coma referência à ceia de despedida de Jesus. Esta unidade também foi denominada de ágape. As ceias eram marcadas pela alegria (...), assim como júbilo escatológico, com vistas à ceia futura”. Sissi Georg RIEFF. *Diaconia e Culto Cristão nos Primeiros Séculos*, p. 54, 75.

<sup>132</sup> “A fórmula era usada como tal nas reuniões litúrgicas dos primeiros cristãos, estando em íntima conexão com a ressurreição de Jesus, que se festejava todos os domingos. Esta presença espiritual de Cristo na sua Igreja era a garantia de seu retorno glorioso no fim dos tempos. No testemunho da didaqué, pronunciava-se durante a celebração da ceia eucarística (...)”. Humberto PORTO. *Liturgia Judaica e Liturgia Cristã*, p. 223.

<sup>133</sup> “Desenvolvendo essa compreensão de misticismo apocalíptico, alguns pesquisadores têm buscado aplicar esse modelo ao judaísmo intertestamentário, e conseqüentemente ao cristianismo do século I”. Paulo A. S. NOGUEIRA. *Experiência Religiosa e Crítica Social no Cristianismo Primitivo*, p. 29.

<sup>134</sup> *Ibidem*, p. 18.

<sup>135</sup> “Homens e mulheres de comunidades cristãs do século I acreditavam que tinham acesso ao mundo celestial e que esta experiência, ocorrida nos moldes de uma experiência visionária, permitia-lhes chegar a revelação”. *Ibidem*, p. 10.

<sup>136</sup> “(...) o autor do Apocalipse de João partilhava do mundo religioso e simbólico do misticismo de *merkavah*”. *Ibidem*, p. 28.

<sup>137</sup> *Ibidem*, p. 28.

anunciarem a queda de Roma, expondo o cristianismo como uma atividade anti-social o que, conseqüentemente, levou-a a futuras perseguições<sup>138</sup>.

Como que dominados pelo mesmo sentimento, posteriormente, grupos cristãos com fortes tendências ao êxtase espiritual, como o montanismo<sup>139</sup>, terminaram por acender um forte clima de expectativa apocalíptica marcados pelo excesso e pelo desequilibrado uso dos dons sobrenaturais atribuídos à manifestação do Espírito Santo<sup>140</sup>.

### 3.3. A postura formal/judaizante ligado a Tiago e a Pedro

Sendo inicialmente os primeiros cristãos em grande parte oriundos do judaísmo, não seria de espantar que as distintas comunidades tivessem algo em comum em seu comportamento cultural<sup>141</sup>. Fundir em um só culto a liturgia judaica e a cristã, mostrava ser uma tentação para os recém cristãos oriundos do judaísmo. Dentre outros preceitos, parecia impossível admitir uma nova concepção de Deus e de seus mandamentos sem a observância da guarda do sábado, da circuncisão e de vários rituais de purificação. Esta conduta terminou por gerar partidos e conflitos durante o surgimento das comunidades cristãs. Hegesipo, um judeu cristão que viveu por volta do ano 150 d.C., descreve um pouco deste clima de rivalidade comportamental: “Tiago gozava até de alta estima de judeus piedosos (Jos. Ant. XX, 201), especialmente porque se apresentava como nazireu e sacerdote e orava por Israel no templo”<sup>142</sup>. De fato, nas palavras do apóstolo Paulo aos gálatas (Gl 2), temos a nítida demonstração do quanto a herança judaica influenciou o comportamento dos seus primeiros

---

<sup>138</sup> “(...) profetas cristãos com base em tradições judaicas podiam anunciar a queda de Roma, como o indica o pseudônimo “Babilônia”. Tudo isso mostra como no tempo de Nero a relação entre judaísmo e cristianismo facilmente podia expor os seguidores do Messias à acusação de atividades anti-sociais”. Bo REICKE. *História do Tempo do Novo Testamento: O mundo bíblico de 500 a.C. até 100 d.C.* p. 274.

<sup>139</sup> “O montanismo surgiu na França em 155 como uma tentativa da parte de Montano em resolver os problemas de formalismo na Igreja (...). Esta tentativa de combater o formalismo e a organização humana levou-o a reafirmar as doutrinas do Espírito Santo e da Segunda Vinda. Infelizmente, como geralmente acontece em movimentos desta natureza, ele caiu para o extremo oposto e concebeu fanáticas e equivocadas interpretações da Bíblia. O montanismo representou o protesto perene suscitado dentro da Igreja quando se aumenta a força da instituição e se diminui a dependência do Espírito de Deus”. Earle E. CAIRNS. *O Cristianismo Através dos séculos: Uma história da Igreja cristã*, p. 82, 83.

<sup>140</sup> Cf. A.-G. HAMMAN. *A Vida Cotidiana dos Primeiros Cristãos*, p. 121-125.

<sup>141</sup> “Os primeiros cristãos, vindo aos milhares do judaísmo, mostravam-se fiéis zeladores da lei mosaica”. Humberto PORTO. *Liturgia Judaica e Liturgia Cristã*, p. 83.

<sup>142</sup> “informações pessoais de grande valor transmitidas pelo judeu-cristão Hegesipo em torno do ano 150 em Eus. Hist. II, 23, 3-9; 17-20”. Bo REICKE. *História do Tempo do Novo Testamento: O mundo bíblico de 500 a.C. até 100 d.C.*, p. 240.



membros até mesmo quando reunidos para comunhão (v. 9)<sup>143</sup>. Destarte, o primeiro concílio da Igreja teve como ponto de partida, a controvérsia sobre alguns costumes judaicos e sua prática no cristianismo, principalmente, entre os gentios (At 15).

A compreensão e a vivência comportamental do culto judaico, aliado ao sentimento de santidade e de adoração única somente a Jeová, própria do judaísmo<sup>144</sup> foram, somente aos poucos, imprimindo sua nova versão com a adoração a Cristo pelos judeus que se convertiam. O zelo por uma liturgia altamente organizada, formal e oficiada somente por sacerdotes levíticos e direcionada exclusivamente a Jeová, dificilmente facultava a fusão de um comportamento no qual a adoração a Ele destinada, se mesclasse ao louvor e a adoração à Cristo<sup>145</sup>.

A tendência em compor o culto cristão aos moldes judaicos permaneceu sob forte tradição em algumas comunidades cristãs<sup>146</sup>, de modo que boa parte de sua aparência formal e legalista, juntamente com sua indumentária e hierarquia eclesiástica<sup>147</sup>, terminaram por acomodar-se na Igreja, principalmente depois de institucionalizada com o decreto do Imperador Constantino. A Igreja desde cedo não só passou a celebrar algumas festas judaicas, bem como, se viu, em parte, tentada a interpretá-las à luz do Antigo Testamento. Foi o que aconteceu, por exemplo, com referência a celebração da Páscoa, chegando ao ponto de gerar um cisma entre as Igrejas da Ásia Menor e as Igrejas sediadas em Roma e Alexandria<sup>148</sup>.

---

<sup>143</sup> “Por causa do perigoso zelotismo contra tudo o que era grego, alguns cristãos próximos de Tiago II convenceram Pedro e Barnabé em Antioquia a se afastarem de toda a participação de refeições com os cristãos incircuncisos da missão dos gentios, para indignação de Paulo”. *Ibidem*, p. 239.

<sup>144</sup> “Vivendo em ambientes onde a religião era politeísta, desponta em Israel uma religião monoteísta, com um culto bem organizado, no qual a santidade é o fator principal. A única conclusão possível é o fato de que os conceitos de santidade, retidão e justiça envolvidos nessa religião, serem completamente desconhecidos nas religiões dos povos no meio dos quais Israel viveu”. Jonathan F. dos SANTOS. *O Culto no Antigo Testamento*, p. 37.

<sup>145</sup> “Durante um certo tempo perdeu a tendência de considerar o judeu-cristianismo como um grande movimento espiritual, místico e escatológico, mas meio amorfo, sem nenhuma estrutura orgânica. O conhecimento adquirido do meio judaico daquela época veio patentear a falta de verossimilhança em que laboravam os que faziam tal representação”. Humberto PORTO. *Liturgia Judaica e Liturgia Cristã*, p. 101.

<sup>146</sup> “A atitude mais fundamental e condizente com a tradição judaica de orar é a atitude ereta, de mãos erguidas e com as palmas voltadas para o alto. Pôr-se de pé é a atitude normal de orar, e passou a ser também característica da oração cristã, que copiou do judaísmo, como atesta as pinturas das catacumbas, as esculturas dos sarcófagos antigos, os escritos de Justino, Cipriano e dos primeiros autores eclesiásticos (...). Na liturgia antiga, era essa a posição obrigatória de estar durante o culto dominical e pascal, conforme testemunha Tertuliano”. *Ibidem*, 273.

<sup>147</sup> “A fixação do vocabulário sacerdotal do cristianismo antigo procede da tendência de invocar modelos e referências do judaísmo bíblico”. *Ibidem*, p. 304.

<sup>148</sup> “a importância do evento morte-ressurreição de Cristo conduziu à questão pascal, a respeito da sua celebração. Na Igreja do século II não havia concordância sobre a data da celebração da Páscoa da ressurreição. Na controvérsia pascal percebemos três aspectos: um cronológico, um litúrgico e um teológico”. Augusto BERGAMINI. *Cristo, festa da Igreja*, p. 253.

Enfim, apesar do alto padrão de compromisso de fé, o perfil comportamental dos cristãos judaizantes, entre as demais condutas, pareceu ter priorizado mais os aspectos formais do que os que enfatizaram a espontaneidade e o carisma, gestos próprios das comunidades mais ligadas ao culto extático.

### 3.4. As contribuições externas herdadas da cultura religiosa greco-romana

Com base nos textos do historiador Flávio Josefo que apontam certa influência secular na conduta judaica-cristã, Jean Comby e Jean-Pierre Lémonon acreditam que as religiões presentes na época do primeiro século da era cristã, trouxeram, de alguma forma, alguma contribuição para a formação do cristianismo<sup>149</sup>. Se por um lado, para os judeus, seu acervo cultural se enriqueceu com a absorção de parte da cultura por entre os povos com quem conviveu<sup>150</sup>; a fadiga e a desilusão que as religiões orientais terminaram por provocar em seus adeptos atraíram-lhe ao cristianismo que, por sua vez, proporcionou-lhes uma idéia existencial mais coesa aliada a uma esperança de ressurreição e vida eterna<sup>151</sup>. Os efeitos do sincretismo religioso que se iniciou com o judaísmo desde sua peregrinação no deserto sob a liderança de Moisés, se estenderam à Igreja que, por sua vez, em grande parte, se utilizou da cultura judaica para desenvolver consideravelmente sua liturgia<sup>152</sup>.

Pesquisadores concordam e aceitam o fato de que a Igreja jamais pôde se eximir completamente da herança e da tradição religiosa secular durante sua militância aqui na terra<sup>153</sup>. Isso faz lembrar a mentalidade convertida e amadurecida do apóstolo Paulo: “(...)

---

<sup>149</sup> “(...) tanto o judaísmo como o cristianismo foram beneficiados pela atração e também pela reprovação suscitadas pelas religiões orientais”. Jean COMBY e Jean-Pierre LÉMONON. *Vida e Religiões no Império Romano no Tempo das Primeiras Comunidades Cristãs*, p. 20.

<sup>150</sup> “O antigo Israel acolhia expressões do culto generalizado no Oriente”. Humberto PORTO. *Liturgia Judaica e Liturgia Cristã*, p. 47.

<sup>151</sup> “(...) no período helenístico, era palpável a ânsia por salvação”. Reinhold Aloysio ULLMANN. *Filosofia e Religião no Helenismo*, p. 165.

<sup>152</sup> “Parece difícil, portanto, pretender explicar a concepção paulina da salvação através da assimilação do fiel a Cristo ignorando-se por completo as influências mais ou menos conscientes que recebeu dos cultos de mistérios. Em boa parte, foi através do judaísmo, também helenizado da diáspora, que essas influências atingiram São Paulo e, de forma mais geral, o cristianismo nascente”. Marcel SIMON e André BENOIT. *Judaísmo e Cristianismo Antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino*, p. 242, 244.

<sup>153</sup> “Ao se defrontar com a cultura grego-romana, o cristianismo esforçou-se por assimilar alguns de seus valores, adaptando-os e reinterpretando-os”. Ibidem, p. 237. Juan José Tamayo salienta ainda que “o religioso e o profano se confundem com uma tendência de o religioso absorver o profano, e de a Igreja dominar o império”. Juan José Tamayo ACOSTA. *Os Sacramentos: liturgia do próximo*, p. 23.

Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios (...), e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são” (1 Co 1. 27, 28).

A sorte do povo de Israel, certamente, não seria menos diferente de tantos outros povos que o antecedeu, bem como, que com ele conviveu e partilhou de sua cultura, caso o Deus único e soberano não intervisse em sua história. Seus antepassados que viveram no Egito, apesar de seus patriarcas terem gozado da experiência do contato com Deus, já partilhavam do culto aos deuses egípcios<sup>154</sup>. Esta prática, certamente, aliada ao convívio com os povos cananeus, marcou sua trajetória, pois, frequentemente, eles se viam envolvidos em seus rituais<sup>155</sup>. Semelhantemente, a liturgia cristã primitiva também sofreu um pouco deste sincretismo à medida que também o cristianismo se difundiu entre as comunidades gentílicas<sup>156</sup>.

Os sacrifícios cruentos são um exemplo de práticas cultuais desenvolvidas por vários povos que antecedeu o surgimento do povo de Israel e que se proliferou por muitos anos depois<sup>157</sup>. Uma das maiores evidências a esse respeito é a degeneração ética, moral e espiritual em que culminaram os cultos judaicos onde eram oferecidos animais em sacrifício como oferta a Deus<sup>158</sup>.

O quadro religioso que configurava a Palestina e seus arredores no período que antecedeu a eminência do cristianismo, dá mostras de como a prática sacrificial, tanto de estilo cruento como de oblação vegetal e seus derivados, tinham ganhado espaço na cultura grega, revelando certa similaridade com os sacrifícios dos rituais judaicos já degradados<sup>159</sup>.

---

<sup>154</sup> Shedd, comentando a cena do bezerro de ouro fabricado por Arão junto ao povo hebreu, argumenta, dizendo: “o hábito de idolatria aprendido no Egito era tão forte, que poucos dias sem ouvir a voz do profeta e líder dinâmico [Moisés], eram suficientes para o povo voltar à lama idolátrica (...)”. Russell SHEDD. *Bíblia Shed*, p. 121.

<sup>155</sup> “O povo eleito não ficou fiel à sua vocação de oferecer como povo sacerdotal de *Iahweh* sacrifícios espirituais, devido também a influência das culturas e religiões dos povos vizinhos com seus sacrifícios meramente materiais e até idolátricos”. Gregório LUTZ. *Celebrar em Espírito e Verdade*, p. 10.

<sup>156</sup> “As comunidades de origem pagã representam o último estágio da configuração da liturgia primitiva. O testemunho mais completo para conhecê-las é a primeira carta de São Paulo aos Coríntios. A comunidade é formada por gentios que receberam a fé sem passarem pelo judaísmo. Não se sentem ligados a história de Israel, como os cristãos de Jerusalém e da Palestina, porém, sua liberdade está ameaçada pelo perigo constante dos ídolos do mundo pagão”. Julián López MARTÍN. *No Espírito e na Verdade*, v.1, p. 37.

<sup>157</sup> “era um costume das velhas religiões orientais exteriorizar o culto divino através de sacrifícios cruentos. Por isso também Israel oferece esse tipo de sacrifício, ao lado de outros, porém em honra a Javé”. Humberto PORTO. *Liturgia Judaica e Liturgia Cristã*, p. 47.

<sup>158</sup> “apesar de serem perversões do modelo original, os sacrifícios pagãos baseiam-se em duas idéias fundamentais: adoração e expiação”. Myer PEARLMAN. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*, p. 124.

<sup>159</sup> Cf. Jean-Pierre VERNANT. *Mito e Religião na Grécia Antiga*, p. 61-63.

A fusão da cultura religiosa grega com a romana, desvendava a afinidade do homem na busca pela sua identidade espiritual e sua aproximação com o divino<sup>160</sup>. Ullmann via nessa fusão recorrente de um estado decadente e mórbido de espírito, um fecundo espaço para o cristianismo plantar sua cultura juntamente com suas doutrinas e seu culto<sup>161</sup>.

Com um olhar mais contemplativo do pensamento divino, percebemos que as limitações da compreensão humana parecem ter sido, ao longo da história, a razão maior da tolerância de Deus quando dirigia-se ao povo eleito por meios de sacrifícios cruentos à semelhança do que já faziam outros povos<sup>162</sup>. É a própria Escritura que dá provas de que o desejo de Deus, antes de intermediar a comunicação e a comunhão com o povo por meio desse tipo de sacrifício, ou ainda, de oblações de origem vegetal, foi primeiro exposto através do desejo de vê-lo obedecer-lhe<sup>163</sup>. De fato, como que enfadado de tanta tolerância com essa prática, é nas palavras do salmista e dos profetas que Deus transparece sua real intenção quanto à forma de santificação do seu povo:

Ouve, povo meu, e eu falarei; ó Israel, e eu protestarei contra ti: Sou Deus, sou o teu Deus. Se eu tivesse fome, não to diria, pois meu é o mundo e toda a sua plenitude. Comerei eu carne de touros? ou beberei sangue de bodes?”(Sl 50.7,12,13). “Porque eu quero a misericórdia, e não o sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que os holocaustos (Os 6.6).

Contrariando toda a historicidade sacrificial de Israel, o salmista e os profetas revelam a forma de relacionamento real que Deus anela manter com o seu povo. Ela é marcada por sacrifícios de ações de graça, de adoração, de obediência, da prática da justiça, da benignidade e da humildade (Sl 50.14; Os 14.2; Mq 6.6-8). Na verdade, apesar do estado deprimente em que por vezes resultou o culto judaico, ele trazia em sua origem o desejo de Deus em desfrutar

---

<sup>160</sup> Jean Comby e Jean-Pierre Lémonon acreditam que “apesar de algumas aberrações, todas essas religiões orientais queriam responder às necessidades do coração humano. Num mundo que, para a maioria, era duro, muitos se iniciavam nos mistérios para encontrarem um Deus pessoal que lhes assegurasse felicidade e salvação”. Jean COMBY e Jean-Pierre LÉMONON. *Judaísmo e Cristianismo Antigo*: de Antíoco Epifânio a Constantino, p. 20.

<sup>161</sup> “Os cultos gregos, que mais consistiam num dever cívico e político, sem darem conforto interior ao homem e seus reflexos na moral cotidiana dos praticantes, longe estavam de satisfazer aos anelos das almas angustiadas. Indubitavelmente, a fusão dessas religiões, antes separadas como óleo e água, preparou o caminho para a difusão do monoteísmo judaico-cristão. Tateando no lusco-fusco da verdade, o paganismo aproximava-se, imperceptivelmente, da aurora da verdade”. Reinholdo Aloysio ULLMANN. *Filosofia e Religião no Helenismo*, p. 160.

<sup>162</sup> Myer Pearlman acredita que “assim como o homem decaído leva as marcas da origem divina, também os sacrifícios pagãos levam algumas marcas de uma original revelação divina”. Myer PEARLMAN. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*, p. 124

<sup>163</sup> “A imagem que os sacrifícios representam de Deus é de alguém que exige sangue para aplacar a sua ira, que necessita empanturrar-se de comida. E isto constitui a mais crassa deformação da imagem de Deus”. Juan José Tamayo ACOSTA. *Os Sacramentos*: liturgia do próximo, p. 169.

de comunhão com seu povo. É como diz Gregório Lutz: “A liturgia espiritual de Israel era, portanto, um culto espiritual: ouvir a palavra de Deus e vive-la. E este culto era a liturgia de todo o povo, do povo consagrado ao serviço de Deus”<sup>164</sup>.

O sacrifício de Cristo na cruz; o derramar do seu sangue, era uma exigência da Lei mosaica como forma de compensar o erro pelo pecado da humanidade<sup>165</sup>. Entretanto, Deus sempre via o exercício da misericórdia como uma alternativa para o sacrifício<sup>166</sup>. Jesus, antes mesmo de ascender à cruz, chamava a atenção de seus contemporâneos reiterando as palavras dos profetas quanto ao uso da misericórdia, dando, Ele mesmo, o exemplo frente a um povo formalista e insensível: “Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não sacrifício, não condenaríeis os inocentes” (Mt 12.7).

Fora isso, as religiões orientais pregavam a imortalidade, desenvolviam cultos de mistérios e prescindiam da idéia da existência de um Deus único e superior aos seus mitos e deuses criados, capaz de habitar no interior dos homens, supri-lo de todas suas necessidades e carências, a quem devia reter a glória que eles pudessem tributar<sup>167</sup>.

Indiretamente, muitas outras formas culturais de outros contextos religiosos se agregaram ao culto cristão<sup>168</sup>. Ritos, símbolos e sinais e algumas expressões culturais e de subsistência, continuaram a dar forma e expressão ao culto cristão nascente. Um exemplo desta realidade pode ser percebido através da interpretação do tempo e das manifestações do cosmo, tão bem presentes nos ciclos religiosos de várias religiões: “De fato, todas as antigas religiões conferem ao tempo cósmico um caráter sagrado, isto é, atribuem aos ciclos da natureza um significado sagrado: os dias, os meses e as estações assumem um valor religioso. Pois são sinais nos quais se revela e se mostra a divindade”<sup>169</sup>.

---

<sup>164</sup> Gregório LUTZ. *Celebrar em Espírito e Verdade*, p. 10.

<sup>165</sup> “(...) sacrifícios cruentos cumpre-se em Cristo, o sacrifício perfeito. Deus fez da alma de Cristo uma oferta pela culpa do pecado; ele pagou a dívida que não podíamos pagar, e apagou o passado que não podíamos desfazer”. Myer PEARLMAN. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*, p. 125.

<sup>166</sup> “É a compaixão, que constitui o núcleo da experiência religiosa e não os sacrifícios, que podem chegar a perverter a religião. A lógica da compaixão está a favor da vida; a lógica dos sacrifícios é necrófila”. Juan José Tamayo ACOSTA. *Os Sacramentos: liturgia do próximo*, p. 176.

<sup>167</sup> Cf. Jean COMBY e Jean-Pierre LÉMONON. *Judaísmo e Cristianismo Antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino*, p. 28-34.

<sup>168</sup> “(...) la cultura abarca no solo el pensamiento racional, sino también las realidades prácticas de la vida (...). Aunque afirmamos que en la liturgia hay elementos divinamente instituidos, sabemos que éstos se corporizan em cultura”. Anscar CHUPUNGO. *Liturgia e os componentes da cultura*. p. 155.

<sup>169</sup> Matias AUGÉ et al. *O ano litúrgico: história, teologia e celebração*, p. 12.

## 4. Os Componentes Emergentes do culto Cristão e suas Características

As heranças judaicas do Templo e das sinagogas marcaram decididamente o início e o andamento das primeiras celebrações litúrgicas desenvolvidas pela Igreja primitiva<sup>170</sup>.

Os cristãos primitivos depois de terem percebido a necessidade de se reunirem para celebrarem ao Senhor através de refeições comunitárias; tiveram vários componentes litúrgicos agregados às suas primeiras reuniões de culto. A Igreja, em conjunto com a Ceia e a Liturgia da Palavra, cantava, salmodiava, orava, dava ações de graças, adorava (Co 14.26; Cl 3.16), coletava ofertas e as distribuía entre os mais necessitados (Rm 15.26, 1 Co 16.1). O culto no Templo, nas casas ou nas sinagogas, era entendido também como uma extensão do dever cristão legado por Jesus à sua Igreja<sup>171</sup>. A liturgia nascente trouxe uma concepção inovadora, assim como, uma expectativa e um caráter ritual dinâmico e diferenciado das religiões que lhe legaram qualquer herança cultural<sup>172</sup>.

### 4.1. Salmos, Hinos e Cânticos Espirituais

A afirmação de Ralph Martin é de que “a Igreja cristã nasceu em cânticos”<sup>173</sup>. Não é difícil de entender a razão desta explosão de louvor na Igreja primitiva. Citando A.B. McDonald, Martin descreve: “*A priori*, devemos esperar que um movimento que desprende tanta emoção, lealdade e entusiasmo achasse expressão no cântico”<sup>174</sup>. Nem mesmo debaixo das perseguições e da falta de liberdade, os apóstolos deixavam de louvar a Deus (At 16.25). A experiência do cântico e dos louvores nos momentos mais difíceis, por certo, motivou os apóstolos a admoestarem as várias igrejas do seu tempo a louvarem, inclusive, com o

---

<sup>170</sup> “a liturgia que fazia parte essencial da vida comunitária, obedecia simplesmente à sistemática tradicional da religião de Israel”. Humberto PORTO. *Liturgia Judaica e Liturgia Cristã*, p. 83.

<sup>171</sup> “(...) os primeiros cristãos, seguindo o exemplo e os ensinamentos de Jesus, consideravam como culto ao Pai não apenas os momentos de oração ou de celebração, mas todos os atos da vida de quem se esforçava para seguir o exemplo da perfeita obediência de Cristo à sua missão de servo (...)”. Julián López MARTÍN. *No Espírito e na Verdade*, v. 1, p. 37.

<sup>172</sup> “Uma nova linguagem quis salientar o novo culto cristão, precisamente sua dimensão espiritual, restabelecida e inaugurada por Jesus Cristo (...)”. Gregório LUTZ. *Celebrar em Espírito e Verdade*, p. 21.

<sup>173</sup> Ralph P. MARTIN. *Adoração na Igreja Primitiva*, p. 47.

<sup>174</sup> *Ibidem*, p. 48.

espírito<sup>175</sup>. Desde que fosse para glória de Deus e para a edificação da Igreja, parecia ser muito natural que algumas comunidades cristãs cultivassem o cântico espiritual<sup>176</sup>. Sendo normal que inicialmente a Igreja não tivesse um hinário o qual pudesse ser utilizado nos cultos até o tempo em que elaborasse suas próprias composições, não é difícil perceber que ela se utilizasse e se espelhasse nos saltérios e nas antífonas judaicas<sup>177</sup>. Os cristãos com frequência, acostumados aos cultos inicialmente celebrados nas sinagogas, se mantiveram por muito tempo arraigado ao estilo e às canções judaicas. Os salmos *hallel*, verdadeiras orações em forma de canção, por certo, permearam por muito tempo a liturgia da Igreja<sup>178</sup>.

## 4.2. As Orações

A Igreja primitiva nasceu e viveu debaixo de orações em suas mais diversas formas e conteúdos. Esta é conclusão que se tem do livro de Atos e das epístolas apostólicas<sup>179</sup>. Circunstancialmente a oração era proferida de forma individual. Entretanto, o culto era o momento mais propenso para a oração coletiva. Em sua militância, a Igreja bem cedo percebeu a necessidade de estabelecer momentos ordenados e distintos de oração. Humberto Porto acredita que os cristãos chegavam a se revezarem na oração a fim de que ela fosse feita durante os três turnos do dia<sup>180</sup>. A oração na Igreja primitiva imprimiu uma nova dinâmica e uma nova aparência às orações que eram feitas no ofício sinagoga<sup>181</sup>. Elas, ainda que moldadas nas tradições judaicas, eram mais dadas ao espontaneísmo e fundamentada nas

---

<sup>175</sup> “Paulo exorta os colossenses a dar graças a Deus, dizendo: “cantai a Deus, em vossos corações, com salmos, hinos e cânticos inspirados pelo Espírito” (3. 16). Por esse texto e por 1Co 14. 15, 26; Ef 5.19; Cl 3.16 e Tg 5.13, sabemos que os cristãos utilizavam para sua oração salmos, hinos e cânticos inspirados”.

<sup>176</sup> Shedd argumenta que “a espontânea improvisação de um cântico sob êxtase espiritual só teria valor se outros pudessem aproveitar a mensagem”. Russell SHEDD. *Bíblia Shedd*, p. 1624.

<sup>177</sup> Ralph Martin concorda que “o cântico cristão (...) não irrompeu num mundo que até então tinha sido mudo, em que eram desconhecidos os hinos. O hinário do Antigo Testamento, o saltério, era lido com olhos cristãos (...)”. Ralph P. MARTIN. *Adoração na Igreja Primitiva*, p. 49, 59.

<sup>178</sup> Cf. William D. MAXWELL. *El Culto Cristiano: Su evolución e sus formas*. p. 18.

<sup>179</sup> “Os apóstolos, as testemunhas escolhidas que ouviram, viram, contemplaram e tocaram com as mãos do Verbo da vida, transmitiram-nos tanto as fórmulas e atitudes de um povo orante como o novo espírito da oração que aprenderam ao lado do seu mestre. As comunidades primitivas estavam conscientes da recomendação do Senhor e dos apóstolos referente à oração assídua e constante e dedicavam alguns momentos do dia à prece”. Alberto BECKHÄUSER. *Celebrar a Vida Cristã*, p. 285, 289.

<sup>180</sup> “Cedo consolidou-se na vida da primeira comunidade cristã o costume de fixar determinadas horas do dia para a prática da oração. Revezavam-se, então, os fiéis em três períodos de oração: matinal, vespertino e noturno. Tratava-se de uma manifestação da piedade individual, mas que não tardou a integrar-se nos ofícios comunitários por imposição do quadro litúrgico na vida religiosa dos fiéis”. Humberto PORTO. *Liturgia Judaica e Liturgia Cristã*, p. 230.

<sup>181</sup> “Há duas tradições paralelas para o Pai-nosso: uma da Galiléia (Mateus) e a outra de Antioquia (Lucas). O texto que se lê numa e noutra é em certa medida discordante, encerra notáveis diferenças, o que confirma a idéia (...) sobre a total liberdade de fórmulas fixas de preces nos primeiros séculos da Igreja”. *Ibidem*, p. 78.

necessidades de cada momento<sup>182</sup>. As orações da Igreja reunida, fosse nas sinagogas ou nas casas provocou reações que marcaram determinados momentos de sua história<sup>183</sup>.

A escassez de fontes literárias do primeiro século pouco informam sobre as muitas formas ou modalidades das orações. Só um pouco mais tarde, na didaqué (metade do 2º séc.), assim como com Tertuliano (metade do 2º e início do 3º séc.) e Clemente de Alexandria (início do 3º séc.), dentre outros pais da Igreja, é onde são descritos maiores detalhes sobre o contexto de oração que se delineou na igreja primitiva<sup>184</sup>. A didaqué instruía os cristãos a orarem o Pai-nosso por três vezes ao dia<sup>185</sup>. Tertuliano orientava os cristãos a orarem de joelhos ao romper da luz do sol em sinal de adoração a Deus. Clemente de Alexandria descreve o costume dos cristãos de orarem, de pé com as mãos levantadas e as palmas abertas. Orígenes orientava que, se possível, fossem feitas orações em locais reservados nas casas<sup>186</sup>.

As orações da igreja primitiva tinham como base e referência, a influência da tradição judaica<sup>187</sup>, mas também desfrutava da autoria própria, tendo Jesus e os apóstolos como seus primeiros e principais autores e estimuladores do novo jeito de orar<sup>188</sup>.

---

<sup>182</sup> A oração cristã segue, no início, os cânones da oração judaica. Trata-se de oração espontânea em que cada um contribui com a sua parte: “Quando estiverdes reunidos, cada um de vós pode cantar um cântico, aduzir um ensinamento ou uma revelação, falar em línguas ou interpretar: mas tudo se faça para a edificação comum”. Alberto BECKHÄUSER. *Celebrar a Vida Cristã*, p. 292.

<sup>183</sup> “Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios de Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus”. At; 4.31. Ver também 12. 5,12; 16. 25,26; 22. 17-21.

<sup>184</sup> “A primeira metade do séc. III contou com cinco mestres e testemunhas extraordinários da oração: Clemente de Alexandria, Tertuliano, Hipólito de Roma, Orígenes e Cipriano de Cartago”. Alberto BECKHÄUSER. *Celebrar a Vida Cristã*, p. 297.

<sup>185</sup> Didaqué 8.3

<sup>186</sup> Cf. A.-G. HAMMAN. *A Vida Cotidiana dos Primeiros Cristãos*, p. 170, 171.

<sup>187</sup> “A *berakah* (que nas escrituras cristãs é traduzida como *eucharistia* ou *eulogia* e em latim como *benedictio* ou *gratiarum actio*) era a oração por excelência da liturgia e da espiritualidade judaica. Além da *shema Ysra’el*, o Novo Testamento comprova também com muita probabilidade a existência da *tefillah*, a oração por excelência da liturgia das sinagogas”. Carmine DI SANTE. *Israel em Oração: As origens da liturgia Cristã*, p. 27, 28, 30.

<sup>188</sup> “A comunidade apostólica observa os tempos de oração dos judeus com o novo espírito trazido por Jesus. (...) os primeiros cristãos imitam o divino mestre, que orava em outros momentos do dia. O mesmo livro dos Atos indica várias vezes a oração noturna (...). Essa oração noturna e essas vigílias, iniciadas pelo próprio Jesus, significaram verdadeira inovação em comparação com os costumes do povo de Deus e foram praticadas pelos cristãos das origens e dos séculos sucessivos”. Alberto BECKHÄUSER. Op. cit., p. 286.



### 4.3. A Adoração

A adoração à Cristo pela Igreja na era apostólica levou-a, circunstancialmente, a pagar um alto preço<sup>189</sup>. Essa adoração conclamava que Cristo é o Senhor (At 2.36; 2 Co. 2.45). Isso numa época em que se instituiu o culto ao imperador<sup>190</sup>, tempo este em que os romanos estavam afundados no paganismo, colocava os cultos e a adoração a Cristo, sob suspeita e insubordinação à religião do Estado<sup>191</sup>. Hurlbut descreve a forma idolátrica de como a adoração era encarada pelo povo:

A adoração ao imperador era considerada como prova de lealdade. Nos lugares mais visíveis de cada cidade havia uma estátua ao imperador reinante, e ainda mais, a essa imagem era oferecido incenso, como se oferecia aos deuses. Os cristãos recusavam-se a prestar tal adoração, mesmo um simples oferecimento de incenso sobre o altar. Pelo fato de cantarem hinos e louvores e adorarem a “outro Rei, um tal Jesus”, eram considerados pelo povo como desleais e conspiradores de uma revolução<sup>192</sup>.

Citando Cullmann, Ralph Martin, descreve: “os cristãos primitivos, na sua luta contra judeus e gentios, expressavam o âmago e o sentido geral daquilo que os distinguiu mediante fórmulas simples de confissões”<sup>193</sup>. O apóstolo Paulo desde sua época já conclamava os romanos a reconhecerem por confissão a Cristo como o penhor para a salvação de suas almas (Rm 10.9).

Gestos que indicam adoração como a prostração eram comuns entre judeus piedosos quando se viam na presença do Senhor e no Templo<sup>194</sup> e, semelhantemente, os cristãos

---

<sup>189</sup> Ralph Martin argumenta que “ao ser arrastado diante do magistrado romano, e ao ser exigido dele que se fizesse alguma atestação de lealdade suprema a Cristo, o cristão confessava: “Jesus cristo é Senhor”, e não César. Esta é a situação histórica de Atos 17.5, 18. 12-17”. Ralph P. MARTIN. *Adoração na Igreja Primitiva*, p. 74.

<sup>190</sup> “Por causa de um modesto êxito na reiniciada guerra contra os partos em 55 d.C. o senado erigiu no templo de Marte, no foro de Augusto, uma estátua de Nero com dimensões divinas. Com isso foi introduzido o culto ao imperador na própria cidade”. Bo REICKE. *História do Tempo do Novo Testamento: O mundo bíblico de 500 a.C. até 100 d.C.*, p. 267.

<sup>191</sup> Cairns comenta que “os romanos não se opunham a acrescentar um novo ídolo ao grupo do Panteão, desde que a divindade se subordinasse às pretensões de primazia feitas pelo Estado. Os cristãos não tinham ídolos e no seu culto, nada havia para ser visto. Para as autoridades romanas, acostumadas às manifestações materiais simbólicas do seu deus, isto nada mais era do que ateísmo”. Earlee E. CAIRNS. *O Cristianismo Através dos Séculos*, p. 72.

<sup>192</sup> Jesse Lyman HURLBUT. *História da Igreja Cristã*, p. 48, 49.

<sup>193</sup> Ralph P. MARTIN. Op. cit., p. 74.

<sup>194</sup> Cf. Dt 9.18; Ne 8.6; Sl 5.7

primitivos agiam durante o culto<sup>195</sup>. Tudo leva a crer que os adoradores cristãos da Igreja primitiva assimilaram bem esta prática. Humberto Porto assim ratifica este comportamento:

Na bíblia hebraica, o verbo que sobretudo traduz o ato de adorar é *histahawah* que quer dizer “curvar-se ou inclinar-se profundamente”, cujo correspondente grego da LXX e do Novo Testamento é *proskynein* que significa “prostrar-se osculando o solo”, “venerar”, “adorar”. Este gesto judaico, repetido por Ezequiel (1,28) e Daniel (8,17), passou ao cristianismo, sendo, porém o seu uso mais generalizado nos primeiros séculos cristãos<sup>196</sup>.

O clima de fervente adoração estava envolto nas experiências e na postura que a Igreja assumia em semelhança do que experimentou o povo de Israel no deserto quando se via na presença do Senhor<sup>197</sup>. O apóstolo Tomé ao se libertar da incredulidade, adorou ao Senhor, dizendo: “Senhor meu, e Deus meu!” (Jo 20.28). O apóstolo João foi outro exemplo da conduta de adoração e de reconhecimento do senhorio de Jesus Cristo no período primitivo da Igreja, lançando-se aos seus pés ao perceber sua presença (Ap 1.17).

#### **4.4. As Ofertas e as Ações de Graça**

Desde seus primeiros indícios a Igreja foi levada não só a ver em Jesus o sacrifício que, de uma vez por todas, satisfaria as exigências da lei para remissão dos pecados, como também, se via ela mesma, como “o sacrifício vivo, santo e agradável a Deus (...)” que agora saberia conciliar sua entrega sob uma forma de culto racional (Rm 12. 1). Jonathan salienta que “Jesus Cristo é apresentado pelos escritores do Novo Testamento como o Cordeiro de Deus e como a redenção perfeita. Seu sangue é sangue remidor. Sua obra expiatória é a consumação do plano redentor de Deus”<sup>198</sup>. O fato de Cristo ter si entregue à morte de forma voluntária em favor da sua Igreja, proporcionou desde muito cedo a concepção desta perfeita associação que há entre as ofertas como forma de “Ações de Graça”. A Santa Ceia é, reconhecidamente, a mais contundente expressão desta realidade para a Nova Aliança (Mc 14.22-24). Por outro lado, a Igreja era exortada a colher ofertas em seus cultos para

---

<sup>195</sup> “Dois gestos de adoração gozam de maior vigência e relevo no culto: o ósculo e a prosternação”. Humberto PORTO. *Liturgia Judaica e Liturgia Cristã*, p. 193.

<sup>196</sup> *Ibidem*, p. 194.

<sup>197</sup> “O molde da adoração cristã primitiva era o culto e devoções da fé judaica, conforme seu cumprimento visto na vinda do Messias”. Ralph P. MARTIN. *Adoração na Igreja Primitiva*, p. 15. Cf. Êx 4.31; 1 Cr 29. 20; 2 Cr 20.18.

<sup>200</sup> Jonathan F. dos SANTOS. *O Culto no Antigo Testamento: Sua Relevância para os Cristãos*, p. 153.

manutenção dos apóstolos e as necessidades sociais<sup>199</sup>. A idéia do sacerdócio levítico volta a assumir, na pessoa dos apóstolos, a dependência que aqueles tinham da contribuição da comunidade para o seu mantimento enquanto se dispunham em favor do Reino (1 Co 16. 1-4). As viúvas, os pobres e os órfãos eram amparados socialmente pela colheita de ofertas trazidas durante os cultos. Os ágapes eram a demonstração mais visível que se pode ter da prática de ofertar. Diz Sissi Georg: “A abrangência do ofertório ultrapassa os limites do culto, indo para dentro do cotidiano. Com o que é recolhido no culto, a comunidade cristã intervém em situações de necessidade: além do cuidado para com a família de Deus, ampara e sustenta órfãos e órfãs, socorre viúvas, alimenta famintos, veste nus, sepulta mortos”<sup>200</sup>.

As Ações de Graça se constituíram desde a era apostólica, em uma forma de gratidão a Deus. Por tudo o que venha suceder ao cristão, o apóstolo Paulo orienta a dar graças (1 Ts 5.18). A todo o tempo a Igreja primitiva era levada a dar ações de graça por meio da oração e da benção. Humberto Porto sustenta a tese de que “na Bíblia coincidem terminológica e conceptualmente benção e ação de graças”. Ele enfatiza o caráter da Ceia como benção proferida em ações de graça<sup>201</sup>. Portanto, abençoar é também oferecer ações de graças.

---

<sup>199</sup> “a comunidade primitiva entendi a assistência, segundo a palavra de Tiago, como expressão e prolongamento da fé e do culto”. A.-G. HAMMAN. *A Vida Cotidiana dos Primeiros Cristãos*, p. 134.

<sup>200</sup> Sissi Georg RIEFF. *Diaconia e Culto Cristão nos Primeiros Séculos*, p. 132.

<sup>201</sup> Humberto PORTO. *Liturgia Judaica e Liturgia Cristã*, p. 197-199.

## Conclusão

Associar o culto aos fatores de ordem sócio-culturais, depois de passados dois milênios, ainda é uma concepção difícil de ser assimilada pela Igreja. Certamente esta dificuldade surge na medida em que seus membros relutam por não quererem enxergar a forma com a qual Jesus agia com as questões desse teor; de verem com que liberdade e naturalidade ele partilhava da sociedade religiosa secularizada do seu tempo; de perceberem o quanto Ele se preocupou com as necessidades humanas e o quanto denunciou as injustiças sociais sem se preocupar com padrões de etiquetas e com os costumes e as tradições religiosas. Foi exatamente ao instituir o culto que Ele deu prova desta preocupação tão bem rechaçada ao longo do seu ministério terreno. A fração do pão e a distribuição do cálice precisam recapitular também o desejo de Cristo em ver seu rebanho vivendo numa esfera de equilíbrio social, onde a comunhão e a distribuição dos bens básicos às necessidades humanas sejam feitas de forma equitativa.

A Igreja primitiva, ainda que com algumas dificuldades, a exemplo da que fora identificada na comunidade de Corinto (1 Co 11), vivenciou grande parte deste aspecto do culto: a comensalidade. Os ágapes foram uma prova nítida da atuação da Igreja primitiva na observância do aspecto sócio-cultural. Mas hoje, pergunta-se: Que lições a Igreja tem agregado aos seus valores sociais? O intrigante questionamento do apóstolo Tiago para o reconhecimento vivo da fé, ainda continua a incomodar aqueles que só enxergam ou priorizam a questão espiritual em detrimento da material (Tg 2). Que importância é dado ao culto eucarístico quando, em muitas comunidades, sua celebração é realizada apenas mensalmente e sem maiores preocupações com a comunhão entre os irmãos e a atenção aos mais carentes? Na verdade o que se vê ainda em grande escala é o engano de que na Santa-Ceia o que mais pese seja a comunhão individualizada, ou seja, verticalizada; eu e Deus. Esta preocupação mais uma vez choca-se com os ensinamentos apostólicos (1 Jo 4. 7-21).

Dá-se a perceber que o culto cristão é algo tão sublime tanto quanto hoje fadado a várias interpretações que, em sua maioria, não exprime seu verdadeiro caráter e conteúdo<sup>202</sup>.

---

<sup>202</sup> “Deveria o culto ser a oferta dos nossos melhores talentos e artes a Deus, mesmo que em formas inusitadas ou mesmo incompreensíveis para as pessoas? Ou, deveria, antes, articular-se em linguagem e estilos familiares de modo que o significado seja captado por todos, embora o resultado seja artisticamente menos impressionante? Felizmente essas alternativas são falsas”. James F. WHITE. *Introdução ao Culto Cristão*, p. 18.

Quem melhor poderá situá-lo e quem melhor poderá exemplificar seu valor senão a Igreja que nasceu cultuando?<sup>203</sup>. Apesar da escassez de informações sobre o culto nos primórdios, o testemunho da Igreja primitiva tem nas Sagradas Escrituras, indiscutivelmente, sua maior fonte de informações para as gerações que a sucederam<sup>204</sup>.

Nota-se que as principais liturgias que estruturaram e ornamentaram o culto primitivo, ainda hoje clamam por mais seriedade espiritual e por compromisso social. A liturgia da Palavra sofre, de forma perceptível, a deformação de seus valores, dado às falsas teologias impregnadas de mensagens dadas ao capitalismo e ao sensacionalismo<sup>205</sup>.

À semelhança do culto da Igreja primitiva, os cultos da Igreja nesta pós-modernidade são passíveis de assimilarem influências do seu contexto sócio-político-religioso. Entretanto, a conduta que aquela assumiu, sabiamente reinterpretando essas inserções à sua realidade, considerando-se uma *ekklesia*<sup>206</sup> em seu sentido literal, deve a Igreja do presente com suas expectativas e ansiedades, de igual modo, saber subtrair da cultura a qual está imersa, o conteúdo básico para sua contextualização sem prejuízo de seus valores éticos e espirituais. A genuinidade do culto cristão não pode se justificar por via da observância do que é estritamente bíblico, exatamente porque, é a própria bíblia a maior indicadora de que o culto cristão, do ponto de vista humano, se originou de forma significativa, a partir da herança de

---

<sup>203</sup> Este é o testemunho da Igreja primitiva de Jerusalém dos tempos apostólicos: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor (...). Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam o pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração. Louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo”. At. 2. 42, 43b, 44, 46, 47<sup>a</sup>

<sup>204</sup> “A literatura sobre a vida cultural nos primórdios é escassa. (...) Tem-se poucas informações sobre o culto na época apostólica. Alguns textos bíblicos são fonte de informação sobre o culto cristão nas origens, como 1 Co. 11.17-34; At. 22. 42-46, além de inúmeros fragmentos localizados em textos neotestamentários. Documentos históricos datados de antes da metade do século II oferecem, muitas vezes, apenas notícias isoladas sobre o culto, sua estrutura, elementos e funções, confirmando a liberdade litúrgica da qual eram dotadas as comunidades(...)”. Sissi Georg RIEFF. *Diaconia e Culto Cristão nos Primeiros Séculos*, p. 73. “El libro de Hechos retrata la vida primitiva de la Iglesia, y las epístolas y el Apocalipsis añaden mayores detalles”. William D. MAXWELL. *El Culto Cristiano: su evolución y sus formas*, p. 15.

<sup>205</sup> “A teologia da prosperidade, “conhecida como Confissão Positiva ou Evangelho da Saúde e da Prosperidade (...). Tal doutrina ensina que todo o crente deve viver endinheirado, morar em mansão, desfilar em carrões, ficar livre de qualquer enfermidade todo o tempo de sua vida e possuir a natureza divina”. A teologia acerca das maldições hereditárias, “conhecida também como “maldição de família” (...), ensina que se alguém tem algum problema relacionado com alcoolismo, pornografia, depressão, adultério, nervosismo, divórcio, diabete, câncer e muitos outros, é porque algum antepassado viveu aquela situação ou praticou aquele pecado ou maldição a um descendente”. Paulo ROMEIRO. *Evangélicos em Crise*, p. 35, 97.

<sup>206</sup> “(...) *ekklesia*, dizia originalmente em Atenas, no período clássico, a assembléia do povo. Na tradução grega da bíblia (Setenta), ela se aplica a reunião do povo israelita. É nela que os cristãos vão basear-se para designar a nova comunidade que eles formam”. “Nela repontaram as inelutáveis diferenças de uma unidade tão profunda a ponto de fundar um só corpo (...)”. Padre Humberto PORTO. *Liturgia Judaica e Liturgia Cristã*, p. 171, 172.

várias outras culturas, em especial, do judaísmo<sup>207</sup>. O culto cristão é genuíno pelo que ele traz de fundamental: sua essência em Deus, assim como, o seu comprometimento com a verdade, o amor e a justiça<sup>208</sup>. Conceitos e aspectos de santidade e de moralidade; grandes desníveis de aspectos sociais; diferentes culturas e tradições religiosas compõem, talvez, o maior desafio que a Igreja hoje precisa assumir. Seu grande dilema, certamente, é não perder seu direcionamento. E, é no culto, onde todas essas diferenças se encontram e se desmistificam.

Com maturidade e discernimento, a igreja precisa se impor frente ao mundo secular e profano sem, no entanto, ser cúmplice dos seus pecados. Isto é possível não apenas por que, simplesmente, no início foi assim, mas por que a igreja carrega as marcas de um Cristo que, na qualidade de homem, soube superar suas deficiências para poder conquistar o amor de sua amada, deixando-nos o exemplo; a Igreja.

Por tudo o que a já igreja já passou e representa, é completamente suscetível sua capacidade de abstração em meio ao secularismo. O desafio é não apenas retomar antigas práticas e lições. A igreja é suficientemente capaz, na direção do Espírito Santo, de traçar e desenvolver novas propostas culturais que venham desencadear novos processos de libertação. O contexto das novas gerações não comporta um culto que retrate a cultura primitiva em seus moldes disciplinares e estéticos. Ela anseia por sua essência, não por sua aparência ou moldura. O desafio do culto presente quer rever o significado, a razão de ser de cada gesto, de cada símbolo, de cada ritual, para fundamentar suas novas experiências, e, não, exatamente, sua indumentária e sua aparência externa. A mensagem do culto do presente, precisa se adequar à nova realidade de vida de seus membros e da comunidade não cristã que a cerca. Certamente, o culto precisa recapitular suas origens, só que com os pés no chão, vivendo seu momento com todas suas mudanças culturais. Deve beber das suas fontes geradoras, sem, no entanto, viver do passado. Voltar às origens cristãs, não significa, precisamente, voltar aos rudimentos da fé. Os desafios do mundo presente não permitem fundir a mentalidade cristã dos primeiros cristãos ainda em formação, com a mentalidade da humanidade do presente, onde outros valores e outras formas de expressões culturais marcam seus dias.

---

<sup>207</sup> “(...) para decirlo más llanamente, al assimilar nuevos componentes culturales em la liturgia, la iglesia permitió que la forma de la liturgia fuera influida por la cultura”. Anscar CHUMPUNGCO. *Liturgia e os Componentes da Cultura*. In: STAUFFER, S. Anita (org). *Diálogo entre Culto y Cultura*, p. 153.

<sup>208</sup> “(...) não se pode dissociar celebração e vida, rito e fé, ação litúrgica e compromisso pela justiça e pelo amor fraterno”. Julián López MARTÍN. *No Espírito e na verdade*, v. 1, p. 22.

O Testemunho do culto da Igreja primitiva é sem dúvida o melhor modelo daquilo que Deus espera hoje do seu povo quando se dispõe a celebrar o Seu nome. As muitas vertentes e interpretações do que seja a liturgia atual, deve levar a reflexão da Igreja do que foi o culto em seus primórdios. Só assim, nesta busca pelas raízes é que, certamente, a Igreja atual poderá acertar os seus passos e, quem sabe, experimentar uma verdadeira e profunda anamnese cultural.

## Bibliografia

- ACOSTA, Juan José Tamayo. *Os Sacramentos: liturgia do próximo*. São Paulo: Paulus, 1998.
- ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ALLMEN, Jean Jacques Von. *El Culto Cristiano: su esencia y su celebración*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1968.
- ALMEIDA, Abraão de. *O Tabernáculo e a Igreja*. Rio de Janeiro: CPAD, 1985.
- ANDREWS, Richard. *Sangue Sobre a Montanha: a história do Monte do Templo de Jerusalém, da Arca da Aliança ao Terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- AUGÉ, Matias, et al. *O ano litúrgico: história, teologia e celebração*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- BERGAMINI, Augusto. *Cristo, festa da Igreja: história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico*. 3ª ed., São Paulo: Paulinas, 1994.
- BECKHÄUSER, Alberto. *Celebrar a Vida Cristã: formação litúrgica para agentes de pastoral, equipes de liturgia e grupos de reflexão*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL: Antigo e Novo Testamento. Tradução em Português por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- BOFF, Leonardo. *O Pai-Nosso: A oração da libertação integral*, 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 1979.
- BRAND, Eugene L. *Batismo: uma perspectiva pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 1982.
- BOROBIO, Dionisio (org). *A Celebração na Igreja 3: Rítmos e tempos da celebração*. São Paulo: Loyola, 2000.
- CÁCERES, Florival. *História Geral*. São Paulo: Editora Moderna, 4ª ed., 1986.
- CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000.
- CARMINE, Di Sante. *Israel em Oração: As origens da liturgia Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- CHUPUNGO, Anscar. *Liturgia e os componentes da cultura*. In: STAUFFER, S. Anita (org). *Dialogo Entre Culto y Cultura*. Ginebra: Federación Luterana Mundial, 1994.
- COELHO, Antônio Carlos. *Encontros Marcados com Deus: As festas judaicas e o cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- COMBY, Jean; LÉMONON, Jean-Pierre. *Vida e Religiões no Império Romano no Tempo da Primeiras Comunidades Cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- COOK, Randall K. *O Templo – Sua História e Seu Futuro*. Vox Scripturae – revista teológica brasileira. São Paulo: Vida Nova, v. II, nº 1, 1992.
- DAHLER, Etienne. *Festas e Símbolos*. Aparecida: Santuário, 1999.
- DIDAQUÉ. Tradição Apostólica. In: ZILLES, Urbano (trad.). *Didaqué: catecismo dos primeiros cristãos*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- DRUBBEL, A. Vinho, In: BORN, A. van den (red) et al. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 2ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- FERRARO, Benedito. *Cristologia em Tempos de Ídolos e Sacrifícios*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- FLUSSER, David. *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- HAMMAN, A.-G. *A Vida Cotidiana dos Primeiros Cristãos*. São Paulo: Paulus, 1997.
- HURLBUT, Jesse Lyman. *História da Igreja Cristã*. Miami: Editora Vida, 1979.
- INTERATIVO, Perguntas e Respostas. *Sinagoga: quem a inventou? Beit Chabad do Brasil*, Brasil, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.chabad.org.br/interativo/FAQ/sinagoga1.html>> Acesso em: 01 jun. 2006.



- JACOB, Heinrich Eduard. *Seis Mil Anos de Pão: a civilização humana através do seu principal elemento*. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.
- KIRST, Nelson. *Rudimentos de Homilética*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- LUTZ, Gregório. *Liturgia Ontem e Hoje*. São Paulo: Paulus, 1995.
- LUTZ, Gregório. *Celebrar em Espírito e Verdade: Elementos de uma teologia litúrgica*. São Paulo: Paulus, 1997.
- MACKENZIE, Jonh L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- MARTÍN, Julián López. *No Espírito e na Verdade: Introdução Teológica à Liturgia*, v. 1. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MARTIN, Ralph P. *Adoração na Igreja Primitiva*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982.
- MARTINI, Romeu R. *Eucaristia e Conflitos Comunitários*, vol. 18. São Leopoldo/RS: EST/Sinodal, 2003. (Série Teses e Dissertações).
- MAXWELL, William D. *El Culto Cristiano: su evolución e sus formas*. Buenos Aires: Methopress Editorial e Grafica, 1963.
- MÍGUEZ, Nestor O. *Leitura Judaica e Releitura Cristã da Bíblia: A Sinagoga no Novo Testamento*, RIBLA - revista de interpretação bíblica latino-americana, n° 40, Petrópolis/RJ: Vozes, 2001. p. 122-124.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Experiência Religiosa e Crítica Social no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.
- PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Vida, 1997.
- PEREIRA, Pe. Augusto César Pereira. *Pastoral Planejada. Ir ao Povo*, São Paulo, 10 set. 2006. Disponível em: <[http://www.iraopovo.com.br/site/index.php?id\\_coluna=4](http://www.iraopovo.com.br/site/index.php?id_coluna=4)>. Acesso em: 01 out. 2006, 10:40:00.
- PORTO, Humberto. *Liturgia Judaica e Liturgia Cristã*. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.
- REICKE, Bo. *História do Tempo do Novo Testamento: O mundo bíblico de 500 a.C. até 100 d.C.* São Paulo: Paulus, 1996.
- RICHARD, Pablo. *As diversas origens do cristianismo. Uma visão de conjunto (30-70 dC)*. Cristianismos Originários, RIBLA – revista de interpretação bíblica latino-americana, n° 22. Petrópolis/RJ: Vozes; São Leopoldo/RS: Sinodal. p. 18, 19.
- RIFFI, Georg Sissi. *Diaconia e Culto Cristão nos Primeiros Séculos*. São Leopoldo: EST/IEPG, 1999.
- RODRIGUES, Tereza. *História Antiga e Medieval*. História Antiga e Medieval. São Paulo: Editora Moderna, 3ª ed., 1988.
- ROMEIRO, Paulo. *Evangélicos em Crise: decadência doutrinária na igreja brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.
- SANTA ANA, Júlio de. *Pão, Vinho e Amizade: meditações*. Rio de Janeiro, CEDI, 1986.
- SANTA ANA, Julio de. *Idolatria e Sacrifício*. Koinonia - estudos da religião, v. 9. São Bernardo do Campo/ SP: UESP, 1994.
- SANTOS, Jonathan F. dos. *O Culto no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- SCHNEIDER, Nélio. *Por isso há entre vocês muitos fracos e doentes, e vários já dormiram (1 Co. 11.30): pecado e sacrifício na Ceia do Senhor*. Estudos Teológicos, v. 36, n° 2. São Leopoldo: EST/IEPG, 1996, p. 122, 123.
- SIMON, Marcel e BENOIT, André. *Judaísmo e Cristianismo Antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino*. São Paulo: Pioneira, 1987.
- SHEDD, Russell. *Bíblia Shed*. Tradução em português por João Ferreira de Almeida, revista e atualizada no Brasil. 2ª ed., São Paulo: Vida Nova, 2002.
- SOUZA, Ágapo Borges de. *Páscoa Judaica*. Boletim Informativo STBNe, Feira de Santana/Ba, n°26, 19 mar. 2001. Disponível em: <<http://www.stbne.org.br/boletim/boletim026.htm>>. Acesso em 18 out. 2006, 08:40:00.

- STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História Social do Protocristianismo: Os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Paulo/São Leopoldo: Paulus/Sinodal, 2003.
- ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Filosofia e Religião no Helenismo*. Teocomunicação – revista trimestral de teologia v. 22, n° 95. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 1992.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia antiga*. Campinas/SP: Papirus, 1992.
- VIEIRA, Antônio Batista. *Pai-Nosso: a oração do Pai, do pão e do perdão*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- WHITE, James F. *Introdução ao Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.